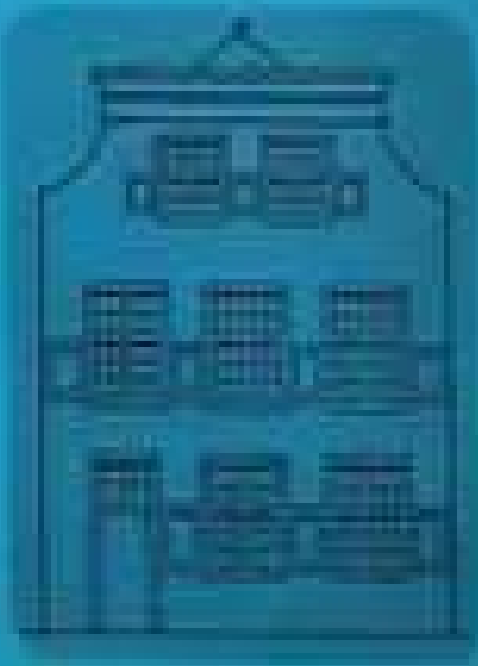
BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

5

# Tratado da Reforma da Inteligência

ESPINOSA



COMPANHIA EDITORA NACIONAL

ESPINOSA

# TRATADO DA REFORMA DA INTELIGÊNCIA

*Tradução, introdução e notas de*

LÍVIO TEIXEIRA
*(Doutor em Filosofia, Catedrático da Universidade de São Paulo)*

199.492
S758
já temos

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

Scanned by CamScanner

FICHA CATALOGRÁFICA

Spinoza, Benedictus de, 1632-1677.

Tratado da reforma da inteligência; tradução, introdução e notas de Lívio Teixeira. São Paulo, Editôra Nacional [1966]

140p. 21cm. (Biblioteca universitária. Série 1.ª. Filosofia, v. 5)

Notas bibliográficas de rodapé.

199.492 121 501.8 Teixeira, Lívio, 1902– , ed. e trad. Série.

○

(Preparada pela Escola de Biblioteconomia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo)

Scanned by CamScanner

# TRATADO DA REFORMA DA INTELIGÊNCIA

Scanned by CamScanner

## ADVERTÊNCIA[1] AO LEITOR

*Benévolo leitor, êste* ***Tratado da Reforma da Inteligência,*** *que te damos inacabado, foi escrito há muitos anos pelo Autor. Sempre teve a intenção de completá-lo, mas, ocupado com outras coisas e finalmente colhido pela morte, não pôde levá-lo ao fim, como desejava. Todavia, como contém muitas coisas excelentes e úteis, que, fora de qualquer dúvida, não são de pouco interêsse para o sincero indagador da verdade, não quisemos privar-te delas. Além disso, como aqui e ali ocorrem muitas obscuridades, rudezas e imperfeições, quisemos prevenir-te para que, ciente delas, não tivesses dificuldade de perdoá-las. Adeus.*

1. Esta advertência aparece na 1.ª edição das obras de Espinosa, feita em Amsterdã logo após a sua morte (1677).

Scanned by CamScanner

## TRATADO DA REFORMA DA INTELIGÊNCIA

### *E do caminho pelo qual ela se dirige, de modo ótimo, ao verdadeiro conhecimento das coisas*[2]

[1.] Depois que a experiência me ensinou que tudo o que acontece na vida ordinária é vão e fútil, e vi que tudo que era para mim objeto ou causa de mêdo não tinha em si nada de bom nem de mau, a não ser na medida em que nos comove o ânimo, decidi, finalmente, indagar se existia algo que fôsse um bem verdadeiro, capaz de comunicar-se, e que, rejeitados todos os outros, fôsse o único a afetar a alma (animus); algo que, uma vez descoberto e adquirido, me desse para sempre o gôzo de contínua e suprema felicidade.

[2.] Digo *que me decidi afinal.* Na verdade, parecia imprudência, à primeira vista, deixar o certo pelo incerto. Via claramente os proveitos que se colhem das honras e das rique-

2. O título latino é *Tractatus de Intellectus Emendatione.* A *emendatio* significa não só melhora, mas retificação, ação de restabelecer a verdade. Isso se verifica no subtítulo, que fala de um caminho ou um método para o conhecimento das coisas, pelo qual a inteligência é dirigida não só do melhor modo, mas de modo ótimo ou perfeito (via qua optime in veram rerum cognitionem dirigitur). Parece-nos que a melhor forma de traduzir *emendatio* seria *correção:* Tratado da Correção da Inteligência. Mas preferimos conservar a palavra *reforma* usada em traduções para outras línguas latinas (Conf. Carlini: *Trattato su la Riforma dell'Intelligenza;* A. Koyré: *Traité de la Réforme de l'Entendement;* do mesmo modo Charles Appuhn). N. T.



Scanned by CamScanner

zas, e que seria coagido a abster-me de buscá-las, se quisesse empregar um esfôrço sério em qualquer coisa nova; se porventura a suprema felicidade nelas se encontrasse, percebia que teria de ficar privado dela; se, por outro lado, ela não se encontrasse nas honras e riquezas e se a estas só desse atenção, do mesmo modo ficaria privado da suma felicidade.

[3.] Dava, pois, tratos ao pensamento, a ver se era possível chegar a êsse nôvo modo de proceder ou, ao menos, a uma certeza a respeito dêle, sem mudar, embora, a ordem e a conduta ordinária de minha vida. Tentei isso muitas vêzes, sem resultado. As coisas que mais freqüentemente ocorrem na vida, estimadas como o supremo bem pelos homens, a julgar pelo que êles praticam, reduzem-se, efetivamente, a estas três, a saber, a riqueza, as honras e o prazer dos sentidos. Com estas três coisas a mente se distrai de tal maneira que muito pouco pode cogitar de qualquer outro bem. [4.] No que diz respeito à volúpia, a ela se entrega nosso ânimo, como a repousar em algo que é bom, e assim fica impedido, ao máximo, de pensar em outra coisa; mas depois da fruição vem uma grande tristeza que, se não tolhe a mente, todavia a perturba e embota. Também a mente(*) não pouco se distrai na busca de honras e riquezas, sobretudo quando são procuradas por elas mesmas, porque neste caso imagina-se que sejam o sumo bem. [5.] Quanto às honras, em verdade a mente se deixa levar por elas, ainda muito mais, pois sempre se imagina que são por si mesmas um bem, algo como um fim último, ao qual tudo se refere. Além do mais, estas, isto é, as riquezas e as honras, não são acompanhadas de arrependimento, como acontece com o prazer sensual, mas, quanto

(*) Poder-se-ia explicar isso mais ampla e distintamente, a saber, distinguindo as riquezas que se buscam por elas mesmas, das que se buscam por amor das honras, ou do prazer, ou da saúde, ou do progresso das ciências e das artes; mas isto fica reservado para outro lugar, pois aqui não se trata de aprofundar êste assunto.



Scanned by CamScanner

mais possuímos de qualquer das duas, mais cresce o nosso contentamento e, conseqüentemente, mais e mais somos levados a aumentá-las; também se acaso nos vemos frustrados em nossa esperança, então nos vem uma tristeza extrema. As honras, enfim, são grande empecilho, visto que, para alcançá-las, a vida tem de ser necessàriamente dirigida no sentido de agradar os homens, isto é, evitando o que vulgarmente evitam e procurando o que vulgarmente procuram.

[6.] Vendo, pois, que estas coisas tôdas me impediam de empreender algum nôvo propósito de vida e, não só isto, até lhe eram contrárias, de modo que era necessário privar-me de uma coisa ou das outras, fui obrigado a perguntar-me o que era o mais útil. Naturalmente, como disse, parecia com isso estar disposto a deixar o certo pelo incerto. Mas, depois de demorar um pouquinho mais no assunto, descobri, primeiramente, que, se abandonando aquelas coisas me cingisse ao nôvo propósito de vida, estaria deixando um bem incerto de sua natureza, como claramente podemos verificar pelo que ficou dito, por um outro incerto também, não todavia de sua natureza (pois que procurava um bem imutável) mas só quanto à possibilidade de alcançá-lo. [7.] No entanto, continuando a refletir, cheguei a perceber que, se pudesse ponderar a fundo, estaria largando males certos por um bem certo. Sentia, assim, encontrar-me em extremo perigo e ter de procurar, com tôdas as minhas fôrças, um remédio, ainda que incerto; como um doente, atacado de fatal enfermidade, que antevê morte certa se não encontra um remédio, é constrangido a procurá-lo com tôdas as suas fôrças, mesmo que êle seja incerto, pois que nêle está sua única esperança. Em verdade, tôdas estas coisas que o vulgo segue não só não trazem remédio à conservação de nosso ser, como até são nocivas; freqüentemente são causa de ruína daqueles que as possuem(*)

(*) Isto tem de ser mais cuidadosamente demonstrado.



Scanned by CamScanner

e sempre causa de ruína daqueles que por elas são possuídos. [8.] Com efeito, há exemplos numerosos de pessoas que sofreram perseguição e morte por causa de suas riquezas e também das que, para acumular bens, se expuseram a tantos perigos que pagaram com a vida a pena de sua estultícia.

Nem menos numerosos são os exemplos dos que sofreram miseràvelmente para conquistar ou conservar honrarias. Inumeráveis, enfim, os exemplos daqueles que apressaram sua própria morte pelo excesso de prazeres sensuais. [9.] Assim, parecia claro que todos êsses males provinham disto — que tôda felicidade ou infelicidade reside só numa coisa, a saber, na qualidade do objeto ao qual nos prendemos pelo amor. De fato, nunca surgem disputas por coisas que não se amam; nem há qualquer tristeza se elas se perdem; nem inveja, se outros as possuem; nenhum temor, nenhum ódio e, para dizer tudo numa palavra, nenhuma perturbação da alma (animus). Ao contrário, tudo isso acontece quando amamos coisas que podem perecer, como são aquelas de que acabamos de falar. [10.] Mas o amor das coisas eternas e infinitas nutre a alma (animus) de puro gôzo, isento de qualquer tristeza; isso é que é de desejar-se grandemente, e se deve buscar com tôdas as fôrças. Não foi, em verdade, sem razão que usei estas palavras "na medida em que pudesse ponderar profundamente". Porque, embora vendo estas coisas com clareza em meu espírito (mens), não podia, contudo, livrar-me da sensualidade, da avareza e do amor da glória[3].

---

3. Esta afirmação de Espinosa poderia aparentemente sugerir uma idéia da natureza humana semelhante à do ensino cristão, isto é, que o conhecimento teórico do bem é insuficiente para que o pratiquemos. Assim S. Paulo (Aos Romanos, 7) diz: "O bem que quero fazer não faço; e o mal que não quero, êsse eu pratico". Na verdade, Espinosa encara o fato de que muitas vêzes a conduta humana se afasta daquilo que a razão e o bom senso nos mostram. Assim na *Ética* (livro IV, introdução), êle cita, mais de uma vez, Ovídio em um pensamento semelhante ao de S. Paulo: "Video meliora proboque deteriora sequor".



Scanned by CamScanner

[11.] Uma coisa, entretanto, eu percebia: quando a mente (mens) se ocupava com êstes pensamentos, então ela se afastava daquelas coisas e sèriamente de nôvo se punha a pensar na instituição de uma vida nova; isso foi-me de grande confôrto. Porque via que aquêles males não eram dos que não cedem a nenhum remédio. E ainda que, a princípio, êsses intervalos fôssem raros e durassem muito pouco tempo, depois, entretanto, na medida em que o verdadeiro bem se apresentava cada vez mais claro, êles se tornaram mais freqüentes e mais longos. Sobretudo depois que percebi que a busca das riquezas ou o prazer dos sentidos e o amor da glória eram nocivos só na medida em que procurados por si mesmos e não como meios para alcançar outros fins; em verdade, procurados só como meios serão moderados e causarão muito pouco prejuízo; até, pelo contrário, conduzirão ao fim pelo qual são procurados, como em lugar próprio mostrarei.

[12.] Só em poucas palavras direi aqui o que entendo por bem verdadeiro e, igualmente, o que é o sumo bem. Para que se compreenda isso corretamente, deve-se notar que "bom" e "mau" só se dizem em sentido relativo, visto que, de diversos pontos de vista, uma mesma coisa pode ser dita boa ou má; assim também com o "perfeito" e o "imperfeito". Efetivamente, coisa alguma, considerada só em sua natureza, pode ser dita perfeita ou imperfeita, principalmente depois que se chega a compreender que tudo o que acontece acontece segundo uma ordem eterna e segundo leis imutáveis da natureza.

---

Contudo, há uma profunda diferença entre a moral espinosana que é de fato racionalista, no sentido de afirmar que o conhecimento é que pode levar o homem ao bom caminho e que, como dizia Sócrates, "ninguém é mau voluntàriamente", e a doutrina cristã para a qual sem a graça divina o homem não pode salvar-se. Contudo, é necessário acrescentar que para Espinosa o conhecimento é eficaz só porque amamos o que de fato conhecemos. Sem êsse amor o conhecimento seria ineficaz. Conf. *Ética* IV, props. I, VII, XIV. N. T.



Scanned by CamScanner

[13.] Como, porém, o pensamento humano, em sua fraqueza, não chega a alcançar aquela ordem e, entretanto, concebe uma certa natureza humana muito superior à sua, sem que nada pareça obstar a que êle venha a adquiri-la, o homem é levado a procurar os meios que o conduzem a essa perfeição; e assim a tudo o que pode ser meio para alcançá-la se chama "bem verdadeiro"; e o "sumo bem" é gozar, se possível com outros indivíduos, dessa natureza superior. Mostraremos, no lugar próprio, que essa natureza superior é o conhecimento da união da mente com a Natureza inteira(*)[4].

[14.] Eis, pois, o fim a que tendo: adquirir essa natureza e esforçar-me para que, comigo, muitos outros a adquiram; isto é, faz parte de minha felicidade o esforçar-me para que muitos outros pensem como eu e que seu intelecto e seu desejo coincidam com o meu intelecto e o meu desejo; e, para que isso aconteça(**), é necessário compreender a Natureza tanto quanto fôr preciso para adquirir aquela natureza[5]; e depois formar a sociedade que é desejável para que o maior número possível chegue fàcil e seguramente àquele objetivo. [15.] Em seguida, deve-se dar atenção à Filosofia Moral e também à Doutrina da Educação das crianças; e, como a saúde não é

---

(*) Estas coisas são explicadas mais amplamente em outro lugar.

4. Esta afirmação é uma verdadeira chave do pensamento espinosano. Tôda a sua doutrina do conhecimento, assim como tôda a sua moral estão essencialmente ligadas a êsse pensamento: o supremo bem é compreender a unidade e a totalidade das coisas. N. T.

(**) Note-se que aqui só trato de enumerar as ciências necessárias ao nosso escopo, sem ocupar-me, aliás, de seu ordenamento.

5. Espinosa usa nesta frase a palavra natureza em dois sentidos: trata-se de conhecer a Natureza, o Todo, ou Deus mesmo, a fim de poder realizar o supremo bem do homem, isto é, a aquisição daquela natureza humana superior que consiste justamente no conhecimento do Todo-Uno e no amor que o acompanha. É de notar ainda que Espinosa apresenta aqui o esfôrço para alcançar o Sumo Bem como algo que não pode ser considerado pura realização individual: êsse esfôrço deve tender à formação de uma comunidade de pensamento e de aspirações ou



Scanned by CamScanner

de pequena monta para chegar àquele objetivo, deve-se preparar para isso tôda a Medicina. Também a arte torna fáceis muitas coisas que são difíceis e com ela podemos ganhar muito tempo e muita comodidade na vida; por isso, a Mecânica não é de modo algum desprezível[6]. [16.] Mas, antes de mais nada, é necessário pensar no modo de corrigir a inteligência e de purificá-la o mais possível desde o início, a fim de que possa compreender com mais facilidade as coisas, sem êrro, perfeitamente. Já se pode ver que desejo dirigir tôdas as ciências a um só fim, um só escopo, a saber, o de alcançar aquela suma perfeição humana de que falamos e, assim, deve ser rejeitado por inútil tudo aquilo que, nas ciências, não contribua de algum modo para aproximar-nos de nosso fim ou, para dizer tudo em uma palavra, tôdas as nossas ações assim como todos os nossos pensamentos devem tender a êsse fim. [17.] Mas como é necessário viver enquanto nos ocupamos em conseguir que a inteligência seja reconduzida ao bom caminho, por isso, antes de mais nada, devemos estabelecer algumas regras de vida e tê-las como boas, a saber[7]:

I. Falar ao alcance do povo e fazer conforme êle faz tudo aquilo que não traz embaraço a que atinjamos o nosso

---

afetos. Como essa realização depende do conhecimento e como nem todos alcançam o mais alto grau de conhecimento, que condiciona a mais alta vida moral, surge a idéia de que, se não é uma moral individualista, a moral de Espinosa é talvez uma moral para uma aristocracia de pensamento. Contudo, êle pensa que, em um universo rigorosamente determinado, há lugar para tudo e para todos. Cada um realiza seu ser ou sua perfeição segundo sua própria essência. N. T.

6. Conf. Descartes: "Ainsi toute la philosophie est comme un arbre, dont les racines sont la métaphysique, le tronc est la physique et les branches qui sortent de ce tronc sont toutes les autres sciences qui se reduisent à trois principales, à savoir la medicine, la mécanique et la morale..." *Principes,* Lettre à celui qui a traduit le livre. Pág. 428, Ed. Pléiade. N. T.

7. Conf. as regras da moral provisória de Descartes no *Discours* (IIIe Partie) e *Principes,* Ed. Pléiade, pág. 427, N. T.



Scanned by CamScanner

fim. Devemos convir em que podemos lograr não pouca vantagem com o afazer-nos, na medida do possível, ao seu modo de ver; acrescente-se que, com isso, se encontrarão ouvidos prontos para aceitar a verdade.

II. Gozar dos prazeres só o quanto é suficiente para a manutenção da saúde.

III. Enfim, querer dinheiro, ou qualquer outra coisa, só na medida em que é suficiente para as necessidades da vida, para a conservação da saúde e para conformar-nos com os costumes da cidade que não se oponham ao nosso objetivo[8].

[18.] Estabelecidas estas regras, ater-me-ei ao que tem de ser feito antes de mais nada, a saber, reformar a inteligência, tornando-a apta a compreender as coisas do modo que é necessário para alcançar nosso fim[9]. Para isso, a ordem que naturalmente temos exige que resuma aqui todos os modos de perceber de que até agora me servi ingênuamente para afirmar ou negar alguma coisa[10], a fim de escolher o melhor e começar a conhecer minhas fôrças e minha natureza, que desejo levar à perfeição.

[19.] A considerá-los com atenção, êstes modos podem, em suma, reduzir-se a quatro:

---

8. No que diz respeito aos prazeres e às riquezas, estas regras estão perfeitamente de acôrdo com o que Espinosa dissera antes. Conf. pág. 89, N. T.

9. Êste é um dos textos que mostram que o *Tratado* se destina a ser uma introdução à filosofia de Espinosa, ou, mais exatamente, a mostrar porque a *Ética* começa pela definição de Substância. Essa finalidade o *Tratado* alcança, conquanto se apresente inacabado. N. T.

10. Alguns tradutores deslocam o adv. "naturaliter" (exigit ordo quem naturaliter habemus) transformando-o em adjetivo de ordem e traduzem: "a ordem natural exige" (Conf. Appuhn, *Oeuvres de Spinoza*, vol. I, págs. 230-231; A. Carlini, pág. 37; A. Koyré, pág. 14). Parece-nos difícil falar de ordem natural para a reforma do entendimento antes dessa reforma; mais ainda, como falar de modos de percepção que permitem afirmar ou negar *com certeza*, quando é justamente isso que



Scanned by CamScanner

I. Há uma percepção que temos pelo ouvir ou por algum outro sinal que se designa convencionalmente.

II. Há uma percepção que se adquire da experiência vaga, isto é, de uma experiência que não é determinada pela inteligência e que assim é chamada porque um fato ocorre de certo modo e não temos nenhuma outra experiência que a êle se oponha e por isso ela permanece firme.

III. Há uma percepção em que a essência de uma coisa se conclui de outra, mas não adequadamente; o que se dá(*) quando de algum efeito deduzimos sua causa, ou quando se conclui a partir de algo universal, que vem sempre acompanhado de alguma outra propriedade.

IV. Finalmente há uma percepção em que uma coisa é percebida só pela sua essência ou pelo conhecimento de sua causa próxima.

[20] Darei exemplos para ilustrar tudo isso. Só pelo ouvir dizer sei o dia do meu nascimento e que tive tais progenitores e outras coisas como essas, das quais nunca duvidei. Por experiência vaga sei que hei de morrer; isso afirmo, efetiva-

---

a reforma quer alcançar? O que o filósofo quer dizer, parece-nos, é que, tratando-se de reformar a inteligência, não podemos senão começar por uma sorte de inventário *do que temos naturalmente,* isto é, justamente antes de qualquer esfôrço de reforma; e que devemos examinar para ver qual o melhor de todos os modos de percepção de que até agora nos servimos para afirmar ou negar *ingênuamente* (indubie), não *com certeza,* como em geral se traduz. N. T.

(*) Neste caso, nada entendemos da causa senão aquilo que consideramos no efeito, o que se torna evidente pelo fato de ser a causa explicada em têrmos muito gerais, como por exemplo: *"Portanto, existe alguma coisa"* ou *"portanto, existe alguma fôrça"*, etc. Ou também por explicá-la negativamente: *"Portanto, não é isto"* ou *"não é aquilo"*, etc. No segundo caso, alguma coisa claramente concebida é atribuída à causa em virtude do efeito, como mostraremos em um exemplo; mas nada além das propriedades, nada que seja verdadeiramente a essência particular da coisa.



Scanned by CamScanner

mente, porque vi morrerem meus semelhantes, ainda que não tivessem vivido o mesmo número de anos nem tivessem morrido da mesma enfermidade. E depois, por experiência vaga, sei que o óleo é próprio para alimentar a chama e que a água serve para extingui-la; sei também que o cão é um animal que ladra, que o homem é animal racional e assim foi que cheguei a conhecer quase tudo que diz respeito ao uso da vida.

[21.] Eis como de uma coisa concluímos outra: quando percebemos claramente que sentimos um certo corpo e nenhum outro, disso, digo, claramente concluímos que a alma (anima) está unida(*) ao corpo, que essa união é a causa daquela sensação, mas(**) daí não podemos entender, de modo absoluto, o que seja essa sensação e essa união. Ou então, depois

---

(*) Dêsse exemplo se vê com clareza aquilo que assinalei antes[11]. De fato, entendemos que aquela união é a própria sensação, a saber, um efeito que exige uma causa; desta, contudo, nada conhecemos.

11. Ver pág. anterior, nota ao III modo de percepção. N. T.

(**) Essa conclusão, ainda que certa, não é, contudo, suficientemente segura, a não ser que se tome o maior cuidado: sem muita atenção, logo se incide em erros. De fato, quando as coisas se concluem assim abstratamente[12] e não pela sua verdadeira essência, a imaginação entra logo a confundir as coisas. Assim, aquilo que em si é uno, os homens imaginam múltiplo. Com efeito, às coisas que são concebidas abstrata, separada e confusamente dão nomes que em seguida são empregados para significar coisas mais familiares; isso faz que estas sejam imaginadas do mesmo modo pelo qual é hábito imaginar aquelas a que inicialmente foram dados êsses nomes[13].

12. Como procuramos mostrar em nosso trabalho *A doutrina dos modos de percepção e o conceito de abstração na filosofia de Espinosa*, a idéia de abstração tem um sentido especial para o filósofo. Como para êle o verdadeiro conhecimento só pode ser aquêle que se deduz da idéia do Ser Perfeitíssimo, tôda afirmação que não se acha dentro dessa universal dedução é uma abstração, isto é, algo compreendido só parcialmente, em razão de ter sido separado ou abstraído do saber total. N. T.

13. Será êste o modo de Espinosa explicar como a linguagem contribui para velar a realidade última das coisas, que é a unicidade do ser. O primeiro momento dêsse processo lingüístico de desarticulação



Scanned by CamScanner

de conhecer a natureza da vista, e também que esta tem a propriedade de fazer que uma coisa vista a grande distância pareça menor do que se a víssemos de perto, concluímos que o Sol é maior do que parece; e outras coisas como essas.

[22.] Por último, uma coisa é percebida só pela sua essência quando, por isso mesmo que sei uma coisa, sei o que é conhecer qualquer coisa; ou quando pelo fato de conhecer a essência da alma (anima) sei que ela está unida ao corpo. Pelo mesmo conhecimento sei que dois e três são cinco e que duas linhas paralelas a uma terceira são paralelas entre si, etc. Contudo, as coisas que até aqui pude entender por meio dêsse conhecimento foram muito poucas.

[23.] Para que tudo isso fique mais claro, quero valer-me de um exemplo único, a saber: dados três números, procurar um quarto que esteja para o terceiro como o segundo está para o primeiro. Os comerciantes, habitualmente, dizem que sabem o que se deve fazer para descobrir o quarto número, isso porque ainda não esqueceram aquela operação que, pura, sem demonstração, aprenderam de seus professôres; outros, da experiência de casos simples, tiram uma regra geral, por exemplo, quando o quarto número se encontra explícito, como nos seguintes 2, 4, 3, 6, vê-se pela experiência que o segundo multiplicado pelo terceiro e dividido pelo primeiro dá o quociente 6. E como vêem que se apresenta o próprio número que já antes da operação sabiam ser o proporcional, daí concluem que essa operação é sempre boa para descobrir o quarto número proporcional. [24.] Os matemáticos, porém, por fôrça da demonstração da 19.ª Proposição do livro 7.º de Euclides, sabem quais números são proporcionais entre si, isto é, sabem-no pela

---

do pensamento é conceber as coisas abstratamente (ver nota anterior). Daí vem a separação de tudo, a conseqüente confusão, tudo isso acentuado pelo efeito imobilizador dos nomes dados às coisas abstratamente pensadas. N. T.



Scanned by CamScanner

natureza da proporção e por esta propriedade sua, segundo a qual o produto do primeiro número pelo quarto é igual ao produto do segundo pelo terceiro. Entretanto não vêem a adequada proporcionalidade dos números dados e, se a vêem, não a vêem por fôrça daquela Proposição, mas intuitivamente, sem fazer nenhuma operação.

[25.] Agora, para que entre êsses se escolha o melhor modo de percepção, é preciso enumerar brevemente os meios necessários para atingir nosso fim[14], a saber:

I. Conhecer exatamente nossa natureza, que desejamos levar à perfeição e, igualmente, conhecer a natureza das coisas tanto quanto fôr necessário;

II. para que corretamente se possa saber quais as diferenças, as concordâncias e as oposições das coisas;

III. e compreender assim, de modo justo, o que podem e o que não podem admitir (pati);

IV. a fim de confrontar isto com a natureza e a fôrça do homem[15]. Destas condições fàcilmente surgirá a suma perfeição à qual o homem pode chegar.

[26.] Feitas estas considerações, vejamos qual o modo de perceber que deve ser escolhido por nós. No que diz respeito ao primeiro, é claro que pelo ouvir dizer, coisa que além do mais é bastante incerta, nada podemos perceber da essência da coisa, como se vê pelo nosso exemplo; visto que a existência singular de uma coisa não pode ser conhecida a não ser pelo conhecimento de sua essência, como veremos depois, daí claramente concluímos que tôda a certeza fundada no ouvir dizer tem de ser excluída da ciência. Com efeito, ninguém poderá

---

14. O nosso fim é o conhecimento da união da mente com a Natureza inteira. Ver pág. 90. N. T.

15. Conquanto discriminadas pela numeração, tôdas estas frases, até aqui, são partes de um único período gramatical. N. T.



Scanned by CamScanner

nunca deixar-se levar pelo simples ouvir; para isso será necessário, antes, um ato da própria inteligência.

[27.](*) No que diz respeito ao segundo modo, também não se pode dizer que se tenha idéia da proporção procurada. Além de ser coisa muito incerta e sem fim, jamais alguém por êsse modo percebe das coisas naturais mais que seus acidentes, os quais nunca podem ser entendidos claramente a não ser que se conheçam antes as essências. Por isso também êsse deve ser rejeitado.

[28.] Quanto ao terceiro, de certo modo deve-se dizer que por êle podemos ter uma idéia da coisa e também que podemos concluir sem perigo de êrro; entretanto, só por si[16], não será um meio para adquirirmos nossa perfeição.

[29.] Só o quarto modo compreende a essência adequada da coisa, sem perigo de êrro; por isso será empregado ao máximo. Procuraremos explicar, pois, como deve ser usado para que coisas desconhecidas venham a ser entendidas por nós por êsse modo de conhecimento e como isso se pode fazer mais resumidamente. [30.] Sabendo agora qual o conhecimento que nos é necessário, importa indicar o Caminho e o Método pelos quais conheçamos as coisas que, por essa espécie de conhecimento, há necessidade de conhecer. Para isso, deve-se, primeiramente, considerar que não há aqui lugar para uma inquirição infinita; isto é, para descobrir o melhor método de investigar a verdade, não é necessário outro método para investigar o melhor método de investigação da verdade; e para

---

(*) Aqui falarei um pouco mais longamente da experiência e examinarei o modo de proceder dos empiristas e dos filósofos recentes.

16. Essa expressão "só por si", *per se*, é de grande interêsse, cremos, para caracterizar a importância relativa do 3.º e do 4.º modo de percepção. É o método dos matemáticos que justamente só *por si* não leva à perfeição, porque, tomadas abstratamente, separadas da dedução total a partir da idéia do Ser Perfeito, as matemáticas não nos levam a integrar-nos no pensamento do Todo. N. T.



Scanned by CamScanner

êste segundo método não é necessário um terceiro e assim ao infinito: por êsse modo, na verdade, nunca se chegará a um conhecimento verdadeiro e nem mesmo a qualquer espécie de conhecimento. As coisas se passam neste caso como com os instrumentos materiais; em referência a êles seria possível argumentar do mesmo modo. Assim, para forjar o ferro é necessário um martelo e, para ter um martelo, é necessário fabricá-lo, para o que são necessários outro martelo e outros instrumentos, os quais, por sua vez, para que os possuíssemos, exigiriam ainda outros instrumentos, e assim ao infinito; e desta maneira se poderia, vãmente, querer provar que os homens não têm nenhum poder de forjar o ferro. [31.] Mas do mesmo modo que os homens, de início, conseguiram, ainda que dificultosa e imperfeitamente, fabricar, com instrumentos naturais, certas coisas muito fáceis e, feitas estas, fabricaram outras coisas mais difíceis já com menos trabalho e maior perfeição e assim, progressivamente, das obras mais simples aos instrumentos, e dos instrumentos a outras obras e outros instrumentos, chegaram a fabricar com pouco trabalho coisas tão difíceis; assim também a inteligência pela sua fôrça natural(*) fabrica para si instrumentos intelectuais[17] com os quais ganha outras fôrças para outras obras intelectuais(**)

---

(*) Por fôrça natural entendo aquilo que em nós não é produzido por causas externas, o que depois explicarei em minha Filosofia.

17. A fôrça natural do intelecto é aquilo que não é produzido em nós por causas externas, isto é, não nos vem dos sentidos, nem de um criador de verdades eternas (DESCARTES). É a própria atividade do pensamento. Trata-se de fôrças inatas, não de idéias inatas. O intelecto não é algo de substancial, que se apropria do que existe fora dêle, mas é uma atividade que se cria com a própria criação da ciência. Notemos também que as expressões "instrumentos naturais" (innata instrumenta) e "fôrça natural" (vis nativa) confirmam nossa interpretação do primeiro momento da reforma como um momento psicológico. Conf. nota 10. N. T.

(**) Aqui falo de "obras"; explicar-se-á em minha Filosofia o que são essas obras.



Scanned by CamScanner

e com estas outros instrumentos ou capacidades de continuar investigando; e assim, progressivamente, avança até atingir o cume da sabedoria. [32.] Que a inteligência assim se avenha consigo mesma, fácil será de ver, uma vez que se entenda o que é o método de investigar a verdade e quais são êsses instrumentos inatos de que, ùnicamente, tem necessidade para fazer outros instrumentos, a fim de prosseguir. E, para mostrar isso, procedo da seguinte maneira:

[33.] A idéia(*) verdadeira (pois que temos uma idéia verdadeira)[18] é algo diferente do seu ideado. De fato, uma coisa é o círculo, outra a idéia do círculo. Pois a idéia do círculo não é algo que tem uma periferia e um centro, como o círculo; nem a idéia do corpo é o próprio corpo: e como a idéia de algo, diverso do seu ideado, será também algo por si mesmo inteligível; isto é, a idéia, quanto à sua essência formal[19], pode ser objeto de outra essência objetiva e, por sua vez, esta outra essência objetiva, considerada em si mesma, será algo real e inteligível, e assim indefinidamente. [34.] Pedro, por exemplo, é algo real; a verdadeira idéia de Pedro é a essência objetiva de Pedro, em si algo real e inteiramente diverso do mesmo Pedro. Assim, como a idéia de Pedro é

---

(*) Note-se que aqui não só procuraremos demonstrar o que acabo de dizer, mas que até aqui avançamos ordenadamente; e outras coisas que muito importa conhecer.

18. Pode parecer estranho que, ao iniciar o estudo do Método, Espinosa logo diga que temos uma idéia verdadeira. Para que o método, se já possuímos a idéia verdadeira? E será que a possuímos? Ficará claro mais adiante que o método não é para *buscar* uma idéia verdadeira, mas consiste em "dirigir o espírito segundo a norma da idéia verdadeira *dada*". Conf. n.º 38. N. T.

19. É necessário recordar que, ao tempo de Espinosa, as palavras *formal* e *objetivo* conservam ainda o sentido escolástico: *formal* é o que tem uma existência atual, efetiva; *objetivo* é o que existe só a título de idéia. Aqui *essência formal* é a idéia que é objeto de outra idéia. A idéia de uma idéia é a essência objetiva. N. T.



Scanned by CamScanner

algo real, que tem sua essência peculiar, será também algo inteligível, isto é, objeto de outra idéia, a qual terá em si, objetivamente, tudo aquilo que a idéia de Pedro tem formalmente e, por sua vez, esta idéia que é idéia de Pedro tem, de nôvo, sua essência, a qual também pode ser objeto de outra idéia, e assim indefinidamente. Qualquer um pode experimentar isso, ao ver que sabe o que é Pedro e também sabe que sabe e, ainda uma vez, sabe que sabe que sabe, etc. É, pois, evidente que, para entender a essência de Pedro, não é necessário entender a idéia mesma de Pedro e muito menos a idéia da idéia de Pedro; o que é a mesma coisa que dizer que, para saber, não é necessário saber que sei; e ainda menos é necessário saber o saber que sei; do mesmo modo que para entender a essência do triângulo não é necessário entender a essência do círculo(*). É o contrário que se verifica nestas idéias, porque para saber que sei é necessário, primeiramente, saber. [35.] Fica, pois, claro que a certeza não é senão a mesma essência objetiva[20], isto é, o modo como sentimos[21] a essência formal é a própria certeza. Mas daí segue-se, mais uma vez, que para a certeza da verdade nenhum outro sinal é necessário: basta ter a idéia verdadeira, pois que, como já mostramos, para saber não é necessário saber que sei. De tudo isso resulta, ainda uma vez, que ninguém pode saber o que é a suma certeza, a não ser que tenha a idéia adequada

---

(*) Note-se que aqui não indagamos como a primeira essência objetiva é inata em nós. Isto diz respeito a uma investigação sôbre a natureza, na qual estas coisas são explicadas mais amplamente, e ao mesmo tempo fica claro que fora da idéia não existe nem afirmação, nem negação, nem vontade alguma.

20. Quer dizer, uma idéia qualquer, contanto que seja produto da inteligência e não dos sentidos. Espinosa parte do dinamismo da inteligência em que de uma idéia qualquer se vai até a idéia de Deus. N. T.

21. "Sentimos" aqui não pode deixar de significar pensar, entender. N. T.



BIBLIOTECA
INST. DE FILOS. E CIÊNCIAS HUMANAS

Scanned by CamScanner

ou a essência objetiva de alguma coisa, pois que não há dúvida que certeza e essência objetiva são uma mesma coisa.

[36.] Visto, pois, que a verdade não necessita de nenhum critério, mas que é suficiente ter a essência objetiva das coisas ou idéias, o que é o mesmo, para que se tire tôda dúvida, daqui se segue que o verdadeiro método não é procurar um critério da verdade após a aquisição das idéias, mas o verdadeiro método é o caminho pelo qual a própria verdade, ou a essência objetiva das coisas, ou as idéias (tôdas estas palavras significam a mesma coisa) são procuradas na devida ordem(*)[22]. [37.] Ainda uma vez, o Método deve necessàriamente falar de raciocinar e de entender, isto é, o Método não é o próprio raciocinar para entender as causas das coisas e muito menos é o entender as causas das coisas, mas é entender o que seja a idéia verdadeira, distinguindo-a das outras percepções, investigando a natureza dela, a fim de que, por êsse meio, conheçamos nosso poder de conhecer e assim obriguemos nossa mente a conhecer, segundo aquela norma, as coisas que deve conhecer, dando, como auxílio, regras certas, e fazendo também que a mente evite fadigas inúteis. [38.] Donde se conclui que o Método não é outra coisa senão o conhecimento reflexivo ou a idéia da idéia; e como não há idéia da idéia a não ser que primeiro haja a idéia, segue-se que não há Método a não ser que haja primeiramente uma idéia.

---

(*) O que significa procurar na alma[23] é explicado em minha Filosofia.

22) É a primeira vez que aparece a noção fundamental de ordem. O Método é procurar a verdade na devida ordem, isto é, descobrir o lugar de cada idéia na ordem universal das idéias, que é a que se deduz da idéia do Ser Perfeito. É isto que êle mostrará na sua Filosofia. N. T.

23) Espinosa se refere, mais uma vez, a êste ponto fundamental de sua Filosofia: que não podemos procurar a verdade a não ser em nossa alma, isto é, no exame de nossas próprias idéias para colocá-las na ordem universal das idéias. N. T.



Scanned by CamScanner

Será, pois, bom método o que mostra como a mente deve ser dirigida segundo a norma da idéia verdadeira dada[24]. Ora, como a relação que há entre duas idéias é a mesma que a relação entre as essências formais dessas idéias, daí se segue que o conhecimento reflexivo que é a idéia do Ser Perfeitíssimo será superior ao conhecimento reflexivo das outras idéias; isto é, será perfeitíssimo o método[25] que mostra como a mente deve ser dirigida segundo a norma da idéia dada do Ser Perfeitíssimo.

[39.] Assim logo se entende como a mente, conhecendo muitas coisas, com isso adquire também os instrumentos com os quais mais fàcilmente leva adiante o esfôrço de entender. De fato, como se pode concluir do que já foi dito, antes de tudo[26] deve existir em nós, como um instrumento inato, uma idéia verdadeira que, uma vez entendida, permite entender ao mesmo tempo a diferença que existe entre essa percepção e tôdas as outras. Nisso consiste uma parte do Método. E como é claro em si mesmo que a mente tanto melhor se entende, quanto mais entende da Natureza, disso resulta que esta parte do Método será tanto mais perfeita quanto mais coisas a mente

---

24. Conf. nota 18: Para que serve um método que já deve partir de uma idéia verdadeira dada? É que o Método não se destina a buscar a idéia verdadeira, mas a dirigir a mente a partir dela. Qualquer idéia é verdadeira do momento em que pelo esfôrço da inteligência a integremos na ordem universal das idéias. Partir de qualquer idéia é o "bom método". N. T.

25. O método *mais perfeito,* pois, é o que parte da idéia de Deus, como Espinosa faz na *Ética.* O objetivo do *Tratado da Reforma da Inteligência* é mostrar o porquê disso. E compreender isso é compreender o que é a reforma da inteligência. N. T.

26. Eis aí: *antes de tudo,* antes do próprio método, deve existir em nós uma idéia verdadeira: a do Ser Perfeitíssimo? Sem dúvida. Mas esta pode ser alcançada por nós também a partir de outras idéias, e mesmo de qualquer idéia. A *Ética* mostrará, realmente, que não há idéia nossa que não seja um modo da idéia do Ser Perfeitíssimo. De qualquer idéia, pois, podemos, por um processo regressivo, chegar à idéia de Deus. N. T.



Scanned by CamScanner

compreende, e será perfeitíssima quando a mente se aplica ao conhecimento do Ser Perfeitíssimo, ou reflete sôbre êle. [40.] Mais ainda. Quanto mais coisas a mente conhece, tanto melhor entende sua própria capacidade e também a ordem da natureza; e, por outro lado, quanto mais entende sua capacidade, tanto mais fàcilmente pode dirigir-se e estabelecer regras para si mesma; e, quanto mais entende a ordem da natureza, tanto mais fàcilmente pode evitar o que é inútil; como dissemos, é nisto que consiste todo o Método. [41.] Ajunte-se que a idéia se comporta objetívamente do mesmo modo que seu ideado se comporta realmente. Se, pois, existisse na Natureza uma coisa que não tivesse relação alguma com as outras, se dela também houvesse uma essência objetiva, concordando esta exatamente com sua essência formal, tal essência objetiva não teria, igualmente, nenhuma relação(*) com outras idéias, isto é, dela nada poderíamos concluir[27]; ao contrário, aquelas que têm relação com outras coisas, como são tôdas as que existem na Natureza, serão entendidas e suas essências objetivas terão entre si a mesma relação, isto é, outras idéias se deduzirão destas, que, por sua vez, terão relação com outras e assim crescem os instrumentos para realizar outros progressos, como desejávamos demonstrar. [42.] Daquilo que acabamos de dizer, isto é, que a idéia deve concordar exatamente com sua essência formal, resulta por sua vez evidente que, para que nossa mente reproduza exatamente o modêlo

---

(*) Ter relação com outras coisas significa ser produzido por elas, ou então produzi-las.

27. Todo êste trecho pode ser considerado como um comentário do teorema VII do II livro da *Ética:* "A ordem e a conexão das idéias são as mesmas que a ordem e a conexão das coisas". O argumento, às avessas, é o seguinte: Se houvesse, para admitir uma hipótese absurda, algo que não tivesse nenhuma relação com as outras coisas da Natureza, a idéia dessa coisa, se fôsse possível, também não estaria relacionada com nenhuma outra idéia. Nada se poderia concluir dela: estaria fora da ordem do conhecimento. N. T.



Scanned by CamScanner

da Natureza, deve apresentar tôdas as suas idéias a partir daquela que se refere à origem e fonte de tôda a Natureza, a fim de que seja também fonte das demais idéias.

[43.] A esta altura, pode talvez alguém estranhar que nós, ao mesmo tempo que dizemos que o bom método é aquêle que mostra como a mente deve ser dirigida segundo a norma da idéia verdadeira dada, provemos essa afirmação por um raciocínio, o que parece indicar que ela não é evidente por si mesma. E com maior razão se pode perguntar se o raciocínio é bom. Se raciocinamos bem, devemos partir de uma idéia dada, mas, como partir de uma idéia dada é coisa que exige demonstração, devemos de nôvo comprovar nosso raciocínio e depois, novamente, êste outro e assim ao infinito.

[44.] A isso respondo que se alguém, levado por um acaso, assim procedesse ao estudar a Natureza, a saber, adquirindo, segundo a norma da idéia verdadeira dada, outras idéias na devida ordem, nunca duvidaria de sua verdade(*), porque a verdade, como mostramos, por si mesma se manifesta e também a êsse afluiriam naturalmente tôdas as verdades. Mas, como isso nunca ou raramente acontece, fui obrigado a apresentar assim as coisas a fim de que aquilo que não podemos obter pelo acaso adquiramos, entretanto, por meio de um plano preconcebido, e também a fim de que ficasse claro que, para provar a verdade e o raciocínio correto, nenhum outro instrumento é necessário senão a própria verdade e o raciocínio correto. Com efeito, comprovei que o raciocínio é bom, raciocinando bem; e ainda agora esforço-me por comprová-lo. [45.] Acrescente-se que dêste modo os homens se acostumam às meditações interiores. A razão, pois, pela qual raramente acontece que, no estudo da Natureza, ela seja investigada na devida ordem, se encontra nos prejuízos, cujas causas explicaremos depois, em nossa Filosofia. Outra razão, como mos-

(*) Assim como aqui não duvidamos de nossa verdade.



Scanned by CamScanner

traremos, é que se fazem necessárias grandes e acuradas distinções, o que exige muito esfôrço. Há finalmente o estado das coisas humanas que, como já mostramos, é muito incerto. E ainda outras razões que não estudamos.

[46.] Se alguém perguntasse, como é possível[28], porque apresentei, antes de tudo, as verdades da Natureza nesta ordem, uma vez que a verdade se manifesta por si mesma, responder-lhe-ia e ao mesmo tempo recomendar-lhe-ia não rejeitar como falsas as afirmações paradoxais que talvez ocorram aqui e acolá, antes de dignar-se considerá-las na ordem segundo a qual as demonstramos; e então ficaria convencido de que chegamos à verdade; foi por isso que apresentamos prèviamente essas considerações.

---

28. Êste é um texto difícil. Há autores que julgam ter sido omitida uma negação na primeira frase, que então deveria ser: "Se alguém perguntasse, como é possível, porque não apresentei antes de tudo, etc.". Essa hipótese se justificaria: *a*) porque de fato é difícil compreender que nesta altura Espinosa afirme ter já apresentado as verdades da Natureza; *b*) o *não* facilitaria, pois, o entendimento do texto, que seria: Uma vez que a verdade sôbre a Natureza se justifica por si mesma, por que não apresentá-la logo, dispensando considerações sôbre o Método? Contra essa explicação se levanta Gebhardt que, em vista da confrontação que fêz do texto latino com a tradução holandesa do próprio Espinosa, na qual não existe o *não*, entende que o texto latino de fato não tem a negação.

Resta, pois, enfrentar a dificuldade da interpretação.

É evidente que Espinosa encarece a necessidade da ordem, aspecto essencial da verdade total. As considerações metodológicas preliminares que faz se destinam a chamar a atenção para isso. Mesmo na exposição ordenada do sistema total das idéias, uma pessoa desprevenida quanto ao caráter essencial da ordem poderia sentir-se sumamente embaraçada. Assim, a parte que começa com "responder-lhe-ia" parece clara: Resta a primeira parte, que, parece-nos, pode ser entendida da seguinte maneira: "Se alguém perguntar porque apresentei as verdades da Natureza nesta ordem, *isto é, falei do Método como necessário para compreender a Natureza, uma vez que acabei afirmando que a verdade se manifesta por si mesma, a isso respondo-lhe*", etc. Conf. Carlini, nota 17; A. Darbon, *Études spinozistes*, pág. 7. N. T.



Scanned by CamScanner

[47.] Se, depois disto, algum cético continuar ainda em dúvida a respeito da primeira verdade e de tôdas as que deduzimos segundo a norma dessa primeira, é que êle fala contra a própria consciência; ou então teremos de admitir que há também homens que são cegos de espírito, seja de nascença, seja em conseqüência de preconceitos, isto é, por uma ocorrência exterior. De fato, êstes nem de si mesmos têm consciência; se afirmam alguma coisa, ou se duvidam, não sabem se duvidam ou afirmam; dizem que nada sabem; e isto mesmo — que nada sabem — dizem ignorar; e nem isto dizem de modo absoluto, pois temem ter de admitir que existem, uma vez que nada sabem, de modo que afinal têm de calar-se, para que não venham a supor alguma coisa que tenha, por acaso, algum cheiro de verdade[29]. [48.] Em suma, com tais pessoas não se pode falar das ciências[30]; (quanto ao que tange ao uso da vida e da sociedade, a necessidade as obriga a admitir que existem, a procurar o que lhes é útil e a afirmar e negar, até com juramento, muita coisa). De fato, se a elas se faz a demonstração de alguma coisa, não sabem se a argumentação prova ou é deficiente. Se negam, concordam ou discordam, não sabem se negam, concordam ou discordam; é, pois, inevitável tê-las como autômatos, inteiramente desprovidos de pensamento.

[49.] Voltemos agora ao nosso propósito[31]. Primeiramente, estabelecemos o fim ao qual desejamos dirigir todos os nossos pensamentos. Descobrimos, em segundo lugar, qual é a melhor percepção, com auxílio da qual poderemos alcançar nossa per-

---

29. Confira-se êste texto com o "cogito" cartesiano. Os céticos seriam levados, necessàriamente, a negar até sua própria consciência; não seriam capazes de afirmar que duvidam, nem mesmo ousariam dizer que existem. N. T.

30. Considerando como um parêntese, que é nosso, as palavras seguintes, ficará mais claro o sentido. N. T.

31. Note-se que êste parágrafo encerra um plano geral do *Tratado*.



Scanned by CamScanner

feição; descobrimos, em terceiro lugar, qual é o caminho primeiro a que a mente deve ater-se para bem principiar, isto é, inquirir segundo leis certas, a fim de que prossiga segundo a norma de qualquer idéia verdadeira dada. Para fazer isso corretamente, o Método deve exigir o seguinte: Primeiramente, distinguir de tôdas as outras percepções a idéia verdadeira e preservar a mente das demais. Em segundo lugar, traçar regras para perceber, segundo essa norma, coisas ainda não conhecidas. Em terceiro lugar, estabelecer a ordem, para que não nos cansemos com coisas inúteis. Depois de conhecer êste Método, vimos, em quarto lugar, que êle será perfeitíssimo, quando tivermos a idéia do Ser Perfeitíssimo. Daí que, já de início, se deve tomar isto na máxima consideração, a fim de chegar o mais depressa possível ao conhecimento dêsse Ente.

[50.] Comecemos, pois, pela primeira parte do Método que é, como dissemos, distinguir e separar a idéia verdadeira das outras percepções e impedir a mente de confundir com as verdadeiras as que são falsas, fictícias e duvidosas; minha intenção é explicar isso aqui longamente, a fim de que os leitores se detenham na consideração de uma coisa tão necessária e, também, porque há muitos que duvidam até mesmo das idéias verdadeiras pelo fato de não atenderem à distinção que existe entre a percepção verdadeira e tôdas as outras. São como os homens que estando acordados não duvidam que estão acordados; mas que pelo fato de se julgarem certos de estarem acordados, quando em sonho, como tantas vêzes se dá, depois, ao verificarem seu êrro, chegam a duvidar mesmo de suas vigílias; isso acontece porque nunca distinguiram entre o sono e a vigília.

[51.] Contudo, advirto que não explicarei aqui a essência de cada percepção, nem explicarei essa essência pela sua causa próxima, porque isso cabe à Filosofia, mas tratarei só daquilo que o Método exige, isto é, daquilo em que consiste a per-



Scanned by CamScanner

cepção fictícia, assim como a falsa e a duvidosa, e de como podemos livrar-nos de cada uma delas. Principiemos com o estudo da idéia fictícia[32].

[52.] Tôda percepção tem por objeto ou uma coisa considerada como existente, ou então sòmente uma essência; como as ficções mais numerosas dizem respeito a coisas consideradas como existentes, falarei primeiramente destas, a saber, daquelas em que só se finge a existência e a coisa que em tal ato se finge é conhecida ou se supõe que é conhecida. Por exemplo, finjo que Pedro, a quem conheço, vai para sua casa, vem visitar-me e outras coisas semelhantes(*). Agora pergunto, sôbre que versa tal idéia? Vejo que versa sòmente sôbre coisas possíveis, de modo nenhum sôbre coisas necessárias ou impossíveis. [53.] Chamo impossível a coisa cuja natureza implica contradição na afirmação de que ela existe; necessária aquela cuja natureza implica contradição na afirmação de que não existe; possível aquela cuja existência, por sua própria natureza, não implica que haja contradição na afirmação de que existe ou de que não existe; mas neste caso a necessidade, ou impossibilidade, de sua existência depende de causas desconhecidas por nós, enquanto estamos a fingir que existem; por conseguinte, se a sua necessidade, ou impossibilidade, que dependem de causas externas, fôssem conhecidas por nós, nada também poderíamos fingir a respeito. [54.] Donde se segue que se existe um Deus ou um ser onisciente, êle nada absolutamente pode fingir[33]. No que nos concerne, do momento

---

32. "Idea ficta" é a expressão latina — idéia fingida ou forjada. N. T.

(*) Veja-se o que mais adiante notaremos a respeito das hipóteses, que são claramente compreendidas por nós; mas a ficção consiste nisto: em dizer que elas existem, tais quais, nos corpos celestes.

33. Fingir, pois, é pensar e afirmar algo que esteja dentro do possível. Mas o possível é apenas a expressão de nossa ignorância. Quem



Scanned by CamScanner

em que (*) sei que existo, não posso fingir que existo ou não existo; nem posso fingir um elefante que passe pelo fundo de uma agulha; nem depois(**) de conhecer a natureza de Deus, posso fingir que êle existe ou não existe; o mesmo se deve afirmar da Quimera cuja natureza implica que será contraditório afirmar sua existência[34]. De tudo isso fica claro o que já dissera, isto é, que a ficção da qual aqui falamos não diz respeito às verdades eternas(***). Mostraremos logo que nenhuma ficção diz respeito a verdades eternas. **[55.]** Mas, antes de continuar, deve-se notar aqui, de passagem, que a mesma diferença que existe entre a essência de uma coisa e a essência de outra existe também entre a atualidade ou existência de uma e a atualidade ou existência de outra. Assim que se quiséssemos conceber, por exemplo, a existência de Adão só por meio da existência em geral, isso seria como se, para conceber a sua essência, tomássemos em consideração só a natureza do ser e definíssemos, afinal: Adão é um ser. Por conseguinte, quanto mais geralmente, tanto mais confusamente

---

como Deus conhece as causas de todos os sêres ou as causas que impedem que um ser exista, êsse não pode fingir. N. T.

(*) Uma vez que a coisa, logo que compreendida, se torna clara em si mesma, só apresentamos um exemplo, sem outra demonstração. O mesmo será da proposição contraditória desta, que, para evidenciar-se como falsa, basta que seja considerada, o que de pronto se verá quando falarmos da ficção que diz respeito à essência. N. T.

(**) Ainda que muitos digam duvidar que Deus exista. É que êsses, ou têm apenas um nome em sua bôca, ou então fazem alguma ficção a que chamam Deus, mas que não tem nada que ver com a natureza de Deus, como depois mostraremos, no devido lugar.

34. Carlini dá exemplos para mostrar que Espinosa às vêzes emprega a palavra *implicare* com o sentido de implicar *em contradição*. Sem essa explicação o texto seria difícil de entender e de traduzir. Conf. Carlini, nota 32, pág. 118. N. T.

(***) Por verdade eterna entendo aquela que, se é afirmativa, nunca pode ser negativa. Assim, a primeira verdade eterna é "Deus existe"; não é, porém, uma verdade eterna dizer: "Adão pensa". "A quimera não existe" é uma verdade eterna; não, porém, "Adão não pensa".



Scanned by CamScanner

será concebida uma existência e tanto mais fàcilmente poderá ser atribuída a uma coisa qualquer; ao contrário, onde fôr concebida mais particularmente, mais claramente é entendida e mais difìcilmente a atribuímos a algo que não a própria coisa, o que se dá quando não atendemos à ordem da Natureza. Isso merece ser notado.

[56.] Devemos agora considerar o que vulgarmente se diz que são ficções, ainda que claramente saibamos que as coisas não são como as fingimos. Por exemplo, ainda que saiba que a terra é redonda, nada impede que eu diga a alguém que a terra é um hemisfério, semelhante a uma meia laranja num prato, ou que o Sol gira em tôrno da terra e coisas que tais. A considerar isto com atenção, nada encontraremos que não esteja de acôrdo com o que já foi dito, se primeiro advertirmos que nós por vêzes pudemos errar e que agora temos consciência de nossos erros; e, depois, que podemos fingir, ou pelo menos pensar, que outros homens estão no mesmo êrro ou que podem incidir nêle, como acontecera conosco anteriormente. Isso, digo, nós podemos fingir enquanto não vemos nenhuma impossibilidade ou nenhuma necessidade. Assim, quando digo a alguém que a terra não é redonda, etc., nada mais faço do que evocar à memória um êrro em que talvez incidi ou a que podia ter sido levado, e depois finjo ou penso que aquêle a quem digo isso está no mesmo êrro ou pode ser induzido nêle. Isso, repito, enquanto não vejo nenhuma impossibilidade ou necessidade; se, ao contrário, compreendesse tal impossibilidade ou necessidade, de modo algum poderia fingir e só deveria dizer que me ocupei com alguma coisa.

[57.] Resta agora tratar das suposições que se fazem nas discussões, que, por vêzes, também dizem respeito a impossibilidades. Por exemplo, quando dizemos: suponhamos que esta vela acesa não está acesa, ou: suponhamos que ela está



Scanned by CamScanner

acesa em algum espaço imaginário, quer dizer, nalgum lugar onde não há corpos. Fazemos às vêzes tais suposições, ainda que se veja claramente que esta última é impossível; mas, quando se faz isto, nada absolutamente está sendo fingido. Com efeito, no primeiro caso, nada mais fiz do que trazer à memória(*) outra vela não acesa (ou então imaginar esta mesma sem a chama) e o mesmo que penso da primeira penso também da segunda, na medida em que não penso na chama. No segundo caso, não se faz mais que desviar o pensamento dos corpos circunjacentes; a fim de que a mente se fixe só na contemplação da vela, considerada em si mesma, de modo a concluir depois que a vela não tem em si mesma a causa de sua própria consumição. Se, pois, não houvesse corpos circunjacentes, essa vela e também a chama permaneceriam imutáveis. E assim por diante. Não se trata, pois, aqui de ficção, mas(**) de puras e meras asserções.

[58.] Passemos agora às ficções que dizem respeito só às essências, ou às essências unidas ao mesmo tempo a alguma

---

(*) Mais adiante, quando se tratar da ficção que diz respeito às essências, claramente se verá que a ficção não cria nunca, nem oferece à mente algo de nôvo; acontece apenas que as lembranças que estão no cérebro ou na imaginação são evocadas à memória e que a mente considera tudo ao mesmo tempo, de modo confuso. Por exemplo, trazem-se à memória a linguagem e a árvore; e a mente que pensa confusamente, sem distinguir as coisas, admite uma árvore que fala. O mesmo se deve pensar a respeito da existência, sobretudo, como dissemos[35], quando ela é concebida de modo geral, como ser, porque então fàcilmente se aplica a tôdas as coisas que ocorrem à memória. O que muito merece ser notado.

35. Ver n.º 55. N. T.

(**) O mesmo se deve pensar das hipóteses que se fazem para explicar certos movimentos que condizem com fenômenos celestes, contanto que, se forem aplicados aos movimentos celestes, não seja para tirar conclusões sôbre a natureza dos céus, que pode ser diferente, especialmente porque, para explicar tais movimentos, se podem conceber muitas outras causas.



Scanned by CamScanner

atualidade ou existência. Sôbre estas o que se deve sobretudo considerar é que, quanto menos a mente entende e mais coisas percebe, mais poder tem de fingir, e, quanto mais entende, mais diminui aquêle poder. Do mesmo modo que, como vimos antes, não podemos, por exemplo, fingir que pensamos ou que não pensamos enquanto estamos pensando, assim também, uma vez que conheçamos a natureza do corpo, não podemos fingir que pensamos uma môsca infinita; nem podemos fingir que pensamos uma alma quadrada, uma vez que conheçamos a natureza da alma(*), ainda que tudo isso possamos dizer em palavras. Mas, como dissemos, quanto menos os homens conhecem a natureza, mais fàcilmente podem multiplicar suas ficções, tais como árvores que falam, homens que instantâneamente se transformam em pedras ou em fontes, espectros que aparecem nos espelhos, o nada que vem a ser alguma coisa, mesmo deuses transformados em animais ou em homens e infinitas coisas dêsse gênero.

[59.] Poderá talvez alguém julgar que é a própria ficção, e não a inteligência, que limita a ficção; isto é, depois de forjar a idéia de alguma coisa e com uma certa liberdade asseverar que ela assim existe na natureza das coisas, isso faz que, a partir daí, não possamos pensar de outro modo. Por exemplo, para usar sua própria linguagem, depois que forjei determinada idéia sôbre a natureza do corpo e que a mim mesmo, por minha vontade, quis persuadir-me de que ela realmente existe dêsse modo, não mais poderei fingir que

---

(*) Acontece muitas vêzes que uma pessoa traz à sua memória esta palavra "alma" e simultâneamente forma dela alguma imagem corpórea. Como estas duas coisas são representadas ao mesmo tempo, fàcilmente julga que pode imaginar e fingir uma alma corpórea, porque não faz distinção entre o nome e a coisa. Peço que os leitores não se precipitem a refutar isto, o que não farão, como espero, se considerarem com a devida atenção os exemplos apresentados, assim como o que se segue.



Scanned by CamScanner

existe uma môsca infinita e, depois de ter forjado uma certa essência da alma, não posso mais pensá-la como algo de forma quadrada[36].

[60.] Examinemos o assunto. Primeiramente: ou negam ou admitem que podemos entender alguma coisa. Se admitem, necessàriamente devem dizer da inteligência o mesmo que dizem da ficção[37]. Se, ao contrário, negam, vejamos nós, que sabemos que conhecemos alguma coisa, o que é que êles dizem. Dizem, evidentemente, que a alma pode sentir e perceber de muitos modos, não a si mesma nem as coisas que existem; mas sòmente coisas que não existem nem nela nem em outro lugar; dizem, em suma, que a alma pode só por sua fôrça criar sensações ou idéias que não são de coisas, de tal forma que em parte a consideram como um Deus[38]. Dizem

---

36. Espinosa prevê uma objeção possível contra a sua doutrina de que, partindo de uma idéia verdadeira dada, nossa inteligência necessàriamente ingressará na ordem universal das idéias. Essa objeção é que uma ficção qualquer, uma vez aceita, nos levará também lògicamente a um certo número de conseqüências que, por partirmos de uma arbitrária afirmação, podem não ser verdadeiras. Por exemplo, se definimos a alma como algo incorpóreo, não podemos deixar de concluir que ela não é quadrada. Mas quem sabe se, justamente, a alma não é corpórea? N. T.

37. Isto é, que existe uma ordem necessária das idéias verdadeiras na qual penetramos a partir de qualquer idéia verdadeira, o que resultaria na final eliminação da ordem fundada em idéias falsas. A ficção seria limitada ou destruída pelo conhecimento. N. T.

38. Negar o conhecimento e dizer que tudo é ficção importa em dizer que a alma, até certo ponto como um Deus, tem a capacidade de criar percepções e idéias que não têm nada que ver nem com a natureza da alma nem com a natureza das coisas. É, diz Espinosa, um pensamento delirante cuja falsidade não demonstrará. Isso fica para a sua Filosofia, onde demonstrará que a alma *é a idéia das coisas*. Aqui apenas assinala que há ficções falsas e que as conseqüências que se tiram delas põem logo em evidência sua falsidade. Por outro lado, há também ficções que são verdadeiras, uma vez que as conseqüências que delas se tiram as ligam à ordem universal das idéias. Tais são as matemáticas, por exemplo. N. T.



Scanned by CamScanner

mais que nós temos a liberdade de constranger-nos, ou nossa alma tem a liberdade de se constranger, ou melhor, de constranger sua própria liberdade. Porque, uma vez que forjou a idéia de alguma coisa, e lhe deu seu assentimento, não pode pensar essa idéia de modo diverso, nem forjá-la de modo diferente; e fica obrigada a pensar as outras coisas de modo que a elas não se oponha a primeira ficção; assim é que aqui mesmo são obrigados, por causa de sua ficção, a admitir os absurdos que acabei de enumerar; para destruí-los, não nos daremos o trabalho de outras demonstrações; [61.] mas, abandonando-os a seus delírios, cuidaremos de retirar das palavras que com êles trocamos alguma coisa de verdadeiro que seja útil ao nosso modo de pensar, a saber(*): a mente, quando se aplica à coisa forjada e falsa de sua natureza, para refletir sôbre ela, compreendê-la e, segundo a boa ordem, dela deduzir o que se deve deduzir, fàcilmente manifesta a sua falsidade; e, se a ficção é, de sua natureza, verdadeira, quando a mente a ela se aplica para compreendê-la e, na boa ordem, começa a deduzir as coisas que dela se seguem, continuará, com êxito, sem nenhuma interrupção; assim como vimos que a inteligência se apresenta logo para patentear, da falsa ficção acima mencionada, o seu absurdo, bem como o absurdo de outras coisas que dela se deduzem.

[62.] Não será, pois, de temer qualquer ficção, contanto que percebamos as coisas clara e distintamente; se falamos, por acaso, de homens que repentinamente são transformados

---

(*) Como pode parecer que concluo isto só da experiência e pode alguém dizer que nada vale, porque falta a demonstração, aí vai a demonstração para quem a queira: Nada, na Natureza, pode ser contrário às suas leis e tôdas as coisas se fazem segundo suas próprias leis, de modo que, com infalível concatenação, produzem determinados efeitos segundo leis determinadas; daí se segue que a alma, quando concebe uma coisa conforme a verdade, continua objetivamente a desenvolver os mesmos efeitos. Veja-se, adiante, onde falo da idéia falsa.



Scanned by CamScanner

em animais, isso é dito de modo muito geral, de maneira que não se apresenta em nossa mente nenhum conceito, isto é, nenhuma idéia ou ligação entre o sujeito e o predicado; se isso se desse, ao mesmo tempo veríamos o têrmo médio assim como as causas que explicam como e porque êsse fato acontece. Também não se toma em consideração a natureza nem do sujeito nem do predicado.

[63.] Aliás, uma vez que a primeira idéia não seja uma ficção e que dela se deduzam tôdas as outras, pouco a pouco desaparece a tendência para as idéias fictícias; além do mais, como a ficção não pode ser clara e distinta, mas tem de ser confusa, e como tôda confusão procede disto, que de uma coisa inteira ou composta de muitas partes, a mente só conhece uma parte e não distingue o que conhece daquilo que não conhece; e também, como considera, de uma só vez, os múltiplos elementos contidos em uma coisa qualquer, sem qualquer distinção, daí se conclui, primeiramente, que, se a idéia de qualquer coisa fôr muito simples, ela não poderá deixar de ser clara e distinta, visto que tal coisa não poderá ser conhecida só em parte, mas ou tem de ser conhecida no todo ou não o será em nada. [64.] Em segundo lugar, segue-se que, se uma coisa composta de muitas partes fôr dividida pelo pensamento em tôdas as suas partes mais simples e se cada uma delas fôr considerada separadamente, tôda confusão logo desaparecerá[39]. Em terceiro lugar, segue-se que a ficção não pode ser simples mas resulta da composição de diversas idéias confusas, que se referem a diversas coisas e ações existentes na natureza, ou melhor, vem da atenção(*), dada ao mesmo

39. Conf. DESCARTES. A regra da evidência e as regras da análise e da síntese, no *Discours*. N. T.

(*) A ficção considerada em si mesma não difere muito do sonho, a não ser em que nos sonhos não aparecem as causas que aos que estão acordados se apresentam por obra dos sentidos; daí se vê que as repre-



Scanned by CamScanner

tempo, mas sem assentimento, a essas diversas idéias. Se fôsse simples, de fato, seria clara e distinta e, por conseguinte, verdadeira. Se fôsse composta de idéias distintas, também a composição seria clara e distinta e, por conseguinte, verdadeira. Exemplo. Logo que conheçamos a natureza do círculo e a natureza do quadrado, já não podemos combinar as duas e pensar um círculo quadrado, ou uma alma quadrada, ou coisas semelhantes.

[65.] Concluamos, ainda uma vez, brevemente, e vejamos que de nenhum modo se deve temer que a ficção se confunda com as idéias verdadeiras. De fato, quanto ao primeiro gênero de que acima falamos, isto é, no caso em que uma coisa é claramente concebida, vimos que, se isso que é claramente concebido, é por si uma verdade eterna e se a sua existência o é também, nada podemos fingir a respeito dela; mas, se a existência da coisa concebida não fôr uma verdade eterna, é necessário, sòmente, cuidar de conferir a existência da coisa com a sua essência e de considerar ao mesmo tempo a ordem da Natureza. Quanto ao segundo gênero de ficção que dissemos ser aquêle em que a atenção em um momento se dirige, sem lhes dar assentimento, a diversas idéias confusas que vêm de diversas coisas e ações existentes na Natureza, vimos também que uma coisa absolutamente simples não pode ser objeto de ficção, mas só pode ser entendida; e o mesmo se dá com uma coisa composta, se considerarmos as partes mais simples de que ela é composta; mais ainda, não podemos, a partir destas, fingir outras ações que não são verdadeiras, porque seremos forçados, ao mesmo tempo, a considerar como e porque tais ações têm lugar.

---

sentações que ocorrem nessa ocasião não se apresentam como provenientes de coisas que estão fora de nós. O êrro, pois, como se verá logo, é o sonhar acordado; e, se êle se torna muito evidente, chama-se delírio.



Scanned by CamScanner

[66.] Uma vez compreendidas essas coisas, passemos ao exame das idéias falsas a fim de verificar a que se referem e como podemos precaver-nos para não incidir em falsas percepções. Não nos será difícil nem uma nem outra dessas duas coisas, depois que estudamos as idéias fictícias, pois entre elas não há nenhuma diferença, a não ser que as idéias falsas[40] supõem o assentimento, isto é, (como já notamos) que no momento em que as representações se deparam ao mesmo[41] nenhumas causas se apresentam, pelas quais, como acontece com o que faz uma ficção, se possa verificar que as mesmas não têm origem em coisas que estão fora dêle; de modo que a idéia falsa quase que não é mais que um sonhar de olhos abertos, ou seja, em estado de vigília. A idéia falsa, pois, versa (ou para dizer melhor) se refere à existência da coisa, cuja essência é conhecida, ou se refere à essência, do mesmo modo que a idéia fictícia. [67.] A que se refere à existência se corrige do mesmo modo que a ficção: pois que, se a natureza da coisa conhecida supõe necessária a sua existência, é impossível que erremos a respeito de sua existência; todavia, se a existência da coisa não fôr uma verdade eterna, como a sua essência, dependendo a necessidade ou impossibilidade de existir de causas externas, então compreenda-se tudo do mesmo modo que dissemos, quando falamos da ficção, pois que se corrige da mesma maneira.

[68.] No que diz respeito à outra espécie de êrro, que se refere às essências ou ainda a ações, tais percepções, neces-

---

40. *Idéias falsas* se encontra em nossa tradução em lugar do pronome *haec,* que normalmente teria como antecedente *idéias fictícias.* O sentido, contudo, exige essa substituição, como bem observa Carlini. Conf. nota n.º 37 dêsse autor a êste texto. N. T.

41. Isto é, a quem dá o assentimento. A diferença que existe entre o falso e o fictício é que quem *faz* uma ficção, por isso mesmo que a faz, sabe que é uma ficção e não lhe dá assentimento. Ao contrário, à idéia falsa damos nosso assentimento por nos parecer que ela vem de fora. N. T.



Scanned by CamScanner

sàriamente, são sempre confusas, pois são compostas de diversas percepções confusas de coisas existentes na Natureza; por exemplo, quando os homens se persuadem de que existem divindades nas florestas, nos ídolos, nos animais e noutras coisas; que há corpos cuja combinação é suficiente para fazer surgir a inteligência; que há cadáveres que raciocinam, caminham e falam; que Deus se engana e outras coisas que tais. Mas as idéias que são claras e distintas nunca podem ser falsas, porque as idéias das coisas que se concebem clara e distintamente ou são as mais simples, ou compostas de idéias simples, isto é, são deduzidas das idéias mais simples. Que, de fato, uma idéia simplíssima não pode ser falsa, qualquer pessoa poderá ver, uma vez que saiba o que é o verdadeiro, isto é, o intelecto, e ao mesmo tempo o que é o falso.

**[69.]** Pois que, quanto ao que constitui a forma do verdadeiro, é certo que o pensamento distingue a idéia verdadeira da que é falsa não tanto por caracteres extrínsecos, mas, sobretudo, por caracteres intrínsecos. Efetivamente, se um construtor concebe, segundo certa ordem, uma construção qualquer, ainda que tal construção nunca tenha existido, nem nunca venha a existir, o seu pensamento nem por isso é menos verdadeiro, e o pensamento permanece o mesmo, quer a construção exista, quer não; se, ao contrário, por exemplo, alguém diz que Pedro existe sem que, entretanto, saiba se Pedro existe, êsse pensamento a respeito dêle é falso, ou, se se prefere, êsse pensamento não é verdadeiro ainda que Pedro de fato exista. Nem esta afirmação: "Pedro existe" é verdadeira, a não ser para aquêle que sabe com certeza que Pedro existe. **[70.]** Daí se segue que há nas idéias uma certa realidade pela qual se distinguem as verdadeiras das falsas, o que agora deverá ser estudado, a fim de que tenhamos a melhor norma da verdade (dissemos, com efeito, que devemos determinar nossos pensamentos segundo a norma dada da idéia verdadeira



Scanned by CamScanner

e que o método é conhecimento reflexivo) e que conheçamos as propriedades do intelecto[42]; nem se deve dizer que essa diferença vem de que o pensamento verdadeiro consiste em conhecer as coisas por suas causas primeiras (sem dúvida, nisso o pensamento verdadeiro diferiria grandemente do falso, de acôrdo com o que explicamos atrás), porque também se diz pensamento verdadeiro o que envolve objetivamente a essência de algum princípio que não tem causa e que se conhece por si mesmo e em si mesmo. [71.] Pelo que a forma do pensamento verdadeiro deve ser posta no próprio pensamento, sem relação com outros pensamentos[43], nem êle reconhece como causa um objeto, mas deve depender da própria fôrça da inteligência e de sua natureza. Suponhamos, com efeito, que o intelecto percebesse algum ente nôvo, que nunca tivesse existido, assim como concebem, alguns, o intelecto de Deus, antes de ter criado as coisas (percepção esta que, òbviamente, não podia provir de qualquer objeto) e que de tal percepção outras legìtimamente se deduzissem: todos êsses pensamentos seriam verdadeiros e de nenhum modo determinados por objeto externo, mas dependeriam só da fôrça e da natureza da inteligência. Pelo que aquilo que constitui a forma do verdadeiro pensamento deve ser procurado no próprio pensamento e deduzido da natureza da inteligência[44].

---

42. Aqui aparece pela primeira vez a idéia das *propriedades* da inteligência, que conduzirá mais adiante à necessidade de *definir* a inteligência. N. T.

43. O texto latino é: "Quare forma veræ cogitationis in eadem ipsa cogitatione sine relatione ad alias debet esse sita..." É difícil compreender a afirmação "sem relação a outros pensamentos" que é a única tradução gramaticalmente possível. Difícil compreender porque, justamente, o que Espinosa vem dizendo, inclusive neste texto, é que o pensamento só pode ser determinado pelo pensamento e pela fôrça e natureza da inteligência. N. T.

44. A ordem e a conexão das idéias verdadeiras é a mesma que a ordem e conexão das coisas; mas aquela não se tira desta. *Ética*, l. II, teorema VII. N. T.



Scanned by CamScanner

[72.] Para estudar êsse assunto, ponhamos sob nossos olhos uma idéia verdadeira qualquer, cujo objeto saibamos com a máxima certeza que depende só de nossa capacidade de pensar, não existindo na natureza qualquer objeto que lhe corresponda; como é manifesto, pelo que acabamos de dizer, uma idéia como essa nos permitiria mais fàcilmente investigar o que queremos. Por exemplo, para formar o conceito de esfera, crio arbitràriamente uma causa, a saber, um semicírculo que gira sôbre o seu centro e dessa rotação como que nasce a esfera. Claro que esta é uma idéia verdadeira; ainda que saibamos que na Natureza jamais uma esfera se formou dêsse modo, êste é, entretanto, um pensamento verdadeiro e o modo mais fácil de formar o conceito de esfera. É de notar, desde já, que esta percepção afirma que o semicírculo gira, afirmação que seria falsa, se não estivesse ligada ao conceito de esfera ou da causa que determina êsse movimento; isto é, seria falsa em absoluto se essa afirmação fôsse nua[45]; pois que nesse caso a mente tenderia a afirmar apenas um movimento do semicírculo, que não está contido no conceito de semicírculo, nem surge do conceito da causa que determina o movimento. A falsidade, pois, só nisto consiste — que de uma coisa se afirme algo que não está contido no conceito que dela formamos, como o movimento ou o repouso ditos do semicírculo. Donde se segue que as idéias simples não podem deixar de ser verdadeiras, como a idéia simples de semicírculo, de movimento, de quantidade. O que quer que estas idéias contenham de afirmação é adequado ao conceito delas e não vai além; pelo que podemos formar idéias simples à vontade, e sem mêdo de errar[46].

---

45. Isto é, se não fôsse feita com o objetivo de criar uma definição da esfera. N. T.

46. É paradoxal a expressão "formar idéias simples". Idéias simples não são idéias indecomponíveis, mas idéias cujos elementos são ligados por relações evidentes à inteligência. Conf. nota 68 da Introdução. — Êstes números 72 e 73 são um estudo da ficção verdadeira. N. T.



Scanned by CamScanner

[73.] Resta, pois, sòmente verificar por que fôrça nossa mente pode formá-las e até onde vai essa fôrça; feita essa verificação, veremos o sumo conhecimento a que podemos chegar. De fato, é certo que sua fôrça não se estende até o infinito; pois que, quando de alguma coisa afirmamos algo que não está contido no conceito que da mesma formamos, isso indica um defeito de nossa percepção, ou que temos pensamentos ou idéias como que mutiladas e truncadas. Assim, vimos que o movimento de um semicírculo é falso, quando isolado em nossa mente, mas é verdadeiro quando conjugado ao conceito de esfera ou ao conceito de alguma coisa que determina êsse movimento. Porque se é da natureza do ser pensante formar pensamentos verdadeiros ou adequados, o que é patente à primeira vista, então é certo que as idéias inadequadas se produzem em nós sòmente pelo fato de sermos parte de um ser pensante cujos pensamentos constituem nossa mente às vêzes no todo, às vêzes só parcialmente.

[74.] Devemos considerar agora uma coisa que a respeito da ficção não era o caso de notar, mas em que se encontra a maior fonte de erros; é aquilo que acontece quando certas coisas que se oferecem à imaginação se encontram também na inteligência, isto é, são clara e distintamente concebidas; porque então, enquanto não se separa o distinto do confuso, a certeza, quer dizer, a idéia verdadeira, se mistura com as que não são distintas. Por exemplo, alguns dentre os estóicos talvez tivessem ouvido a palavra "alma" e também que esta é imortal, coisas que só confusamente imaginavam; imaginavam também, e ao mesmo tempo entendiam, que os corpos mais sutis penetravam todos os outros e não eram penetrados por nenhuns. Como imaginavam tudo isso concomitantemente com a certeza dêste axioma, ficaram logo certos que a mente era êsses corpos sutilíssimos, e que êsses corpos sutilíssimos não são divisíveis, etc.



Scanned by CamScanner

[75.] Mas também dessa espécie de êrro nos libertamos, desde que nos esforcemos para examinar, segundo a norma da idéia verdadeira dada, tôdas as nossas percepções, guardando-nos, como dissemos de início, daquelas que nos vêm do ouvir dizer e da experiência vaga. Acrescente-se que tal engano deriva disto — que concebem as coisas de modo demasiado abstrato; porque é claro por si mesmo que aquilo que concebo no seu verdadeiro objeto, isso não posso aplicar a outro. Deriva êsse êrro, finalmente, disto também — que não entendem os primeiros elementos de tôda a Natureza; e por isso, procedendo sem ordem e confundindo a Natureza com abstrações, ainda que estas sejam axiomas verdadeiros, confundem-se a si mesmos e pervertem a ordem da Natureza[47]. Quanto a nós, êsse êrro não será de temer, de modo algum, se procedermos o menos abstratamente possível, e se começamos, o mais depressa que se possa, pelos primeiros elementos, isto é, pela fonte e origem da Natureza.

[76.] Ora, no que respeita ao conhecimento da origem da Natureza não há nenhum risco de confundi-lo com abstrações; pois, quando alguma coisa é concebida abstratamente, como acontece com todos os universais, êstes sempre são compreendidos pela inteligência mais amplamente do que na realidade podem existir na Natureza as coisas particulares, que lhes correspondem. Demais, como na Natureza existem muitas coisas, cuja diferença é tão exígua que quase escapa à inteligência, por isso fàcilmente se podem confundir, quando abstratamente concebidas; contudo, visto que a origem da

---

47. Pode, pois, haver idéias abstratas verdadeiras, que, entretanto, conduzem a êrro. Não é só a imaginação que confunde o espírito, nos dois primeiros modos de percepção — ouvir dizer e experiência vaga — é também a abstração que para Espinosa é a ausência da ordem: as idéias são realmente verdadeiras, no sentido de serem a verdade a respeito das coisas, quando se integram na ordem universal das idéias, isto é, no conjunto de idéias que se deduz da idéia do Ser Perfeito. N. T.



Scanned by CamScanner

Natureza, como depois veremos, não pode ser concebida nem abstrata, nem universalmente, nem pode ter na inteligência uma extensão maior do que aquela que efetivamente possui e também não tem semelhança alguma com as coisas mutáveis, nenhuma confusão é de temer-se a respeito dela, se nos atemos à norma da verdade (que já apresentamos); é que êste ser é único(*) e infinito, quer dizer é a totalidade do Ser fora do qual(**) não há nenhum ser.

[77.] Até aqui sôbre a idéia falsa. Resta-nos examinar a idéia dúbia, isto é, quais as coisas que podem levar-nos à dúvida e, ao mesmo tempo, como podem ser eliminadas. Falo da verdadeira dúvida, dúvida de pensamento, e não a que freqüentemente encontramos, a saber, aquela em que uma pessoa diz, com palavras, que duvida, ainda que o espírito não vê nenhuma dúvida; não cabe ao Método corrigir isto; cabe, antes, ao estudo da obstinação e ao modo de corrigi-la[48]. [78.] Não se encontra, efetivamente, na alma nenhuma dúvida produzida pela coisa mesma de que se duvida, quero dizer, se existisse na alma uma única idéia, fôsse ela verdadeira ou falsa, nenhuma dúvida seria possível, nem também a certeza: só haveria uma certa sensação. Pois essa idéia isolada não é em si mesma nada mais que aquela sensação. A dúvida, porém, pode vir de outra idéia que não é clara e distinta de modo a permitir que dela se conclua algo certo a respeito da coisa de que se duvida; ou, por outras palavras, a idéia que não é clara e distinta é que nos lança na dúvida. Por exemplo, se alguém nunca pensou nos erros dos sentidos, quer levado

(*) Êstes não são atributos de Deus, que manifestam a sua essência, como mostrarei na Filosofia.

(**) Isto já foi demonstrado antes. Efetivamente, se tal ser não existisse, nunca poderia ser produzido, e então a mente poderia pensar mais coisas do que aquelas que a natureza pode apresentar, o que já foi, anteriormente, reconhecido como falso.

48. Trata-se de uma alusão crítica à dúvida cartesiana, cujo alcance Espinosa não teria compreendido. N. T.



Scanned by CamScanner

pela experiência, quer de algum outro modo, nunca perguntará se o Sol é muito maior do que parece. Por isso, os camponeses freqüentemente se admiram quando ouvem dizer que o Sol é muito maior que o globo terrestre; mas, pensando na fraqueza dos sentidos, surge a dúvida. Sabe-se, decerto, que os sentidos às vêzes enganam, mas sabe-se confusamente, pois não se sabe como os sentidos falham; e se alguém, depois da dúvida, adquire o verdadeiro conhecimento dos sentidos e como por seus órgãos as coisas são representadas à distância, então a dúvida é novamente eliminada. [79.] Donde se conclui que não podemos pôr em dúvida as idéias verdadeiras mediante a hipótese da existência de um Deus enganador, que nos induz em êrro mesmo em coisas as mais certas, a não ser quando não temos de Deus nenhuma idéia clara e distinta, o que acontece quando, ao considerar o conhecimento que temos da origem de tôdas as coisas, nada descobrimos que nos mostre que Deus não pode ser enganador, e isso com o mesmo conhecimento com que descobrimos, quando atentamos para a natureza do triângulo, que seus três ângulos são iguais a dois retos; mas, se temos de Deus um conhecimento tal como o do triângulo, então tôda dúvida é eliminada. E do mesmo modo que podemos alcançar êsse conhecimento do triângulo, ainda quando não saibamos, com certeza, se porventura algum grande mistificador nos leva ao êrro, assim também podemos alcançar êsse conhecimento de Deus, ainda que não saibamos com certeza se existe o grande mistificador. E se o temos, isso é suficiente, como disse, para eliminar tôda dúvida que possamos ter a respeito das idéias claras e distintas[49]. [80.] Assim, pois, se procedemos de modo

---

49. Descartes elimina o "malin génie" pela prova da existência de um Deus perfeito, cuja veracidade garante a verdade das idéias claras e distintas. Espinosa funda a verdade das idéias claras e distintas na possibilidade de integrá-las na ordem total das idéias, cujo primeiro elo é a própria idéia de Deus. N. T.



Scanned by CamScanner

correto, investigando as coisas que devem ser investigadas em primeiro lugar, sem nenhuma interrupção na concatenação das coisas, e se sabemos como as questões devem ser determinadas, antes de procurar conhecê-las, nunca teremos senão idéias certíssimas, isto é, claras e distintas[50]. Porque a dúvida nada mais é que a indecisão de espírito a respeito de alguma afirmação ou negação: afirmar-se-ia ou negar-se-ia se não ocorresse algo que, sendo ignorado, faz que tenha de ser imperfeito o conhecimento da coisa. Donde se conclui que a dúvida vem de que não se faz na devida ordem a investigação.

[81.] Estas são as coisas de que prometi tratar nesta primeira parte do Método. Mas, a fim de nada omitir a respeito do que pode conduzir ao conhecimento da inteligência e de suas fôrças, tratarei também, ràpidamente, da memória e do esquecimento. Aquilo que, mais que tudo, se deve notar aqui é que a memória é fortificada com a ajuda da inteligência e, também, sem o concurso dela. No primeiro caso, de fato, quanto mais uma coisa é inteligível, tanto mais fàcilmente ela é guardada, e, por outro lado, quanto menos é inteligível mais fàcilmente a esquecemos. Por exemplo, se dou a alguém uma porção de palavras sôltas, a pessoa as reterá muito mais difìcilmente do que se eu as apresentar na forma de uma narração. [82.] Mas a memória é também fortalecida sem o auxílio da inteligência, ou seja, pela fôrça com que a imaginação ou o senso a que chamam comum é afetado por alguma coisa singular corpórea. Digo *singular*, porque a imaginação só é afetada por coisas singulares. De fato, se alguém lê, por exemplo, uma única história de amor, guardá-la-á muito bem na memória, enquanto não ler muitas outras do mesmo gênero, porque ela domina sòzinha na imaginação; mas, se há muitas

---

50. Conf. nota anterior. As idéias certíssimas são as que estão dentro da ordem total. Tais idéias são também claras e distintas. Não há então como levantar o problema do "malin génie". N. T.



Scanned by CamScanner

do mesmo gênero, imaginam-se tôdas ao mesmo tempo, e fàcilmente se confundem. Digo também *corpórea,* porque a imaginação só é afetada por coisas corpóreas. Assim, visto que a memória é ajudada pela inteligência mas também sem a inteligência, disso se conclui que ela é algo diferente da inteligência e que com a inteligência considerada em si mesma nada tem a ver nem a memória nem o esquecimento[51]. [83.] Que será, pois, a memória? Nada mais que a sensação das impressões do cérebro, acompanhada do pensamento de uma determinada(*) duração da sensação; a reminiscência também mostra isso. Nesta a alma pensa, sem dúvida, naquela sensação, mas não sob a forma de uma duração contínua; e assim a idéia desta sensação não é a própria duração da sensação, isto é, não é pròpriamente a memória. Veremos na Filosofia se as próprias idéias podem sofrer alguma corrupção. E se, porventura, isto a alguém se afigura absurdo, para o nosso propósito basta pensar que, quanto mais singular é uma coisa, mais fàcilmente é retida pela memória, como se vê pelo exemplo da comédia[52] há pouco referido. Por outro lado quanto mais a coisa é inteligível, tanto mais fàcilmente é retida. Donde se segue que não podemos deixar de reter uma coisa que é absolutamente singular, por pouco que seja inteligível.

---

51. A memória é algo relacionado com o tempo e o tempo para Espinosa é uma idéia do primeiro gênero de conhecimento — sentidos e imaginação. Nada, pois, tem a ver com a inteligência, cujas idéias gozam de uma "certa eternidade". Conf. *Ética,* l. II, props. XVIII, escólio; XLIV, corolário e escólio; corolário II. N. T.

(*) Se a duração é indeterminada, a lembrança da coisa é imperfeita; parece que todo mundo compreende isso naturalmente. Assim, para que demos crédito maior ao que diz uma pessoa qualquer, perguntamos quando e onde aconteceu o fato. Se bem que as próprias idéias tenham, na mente, sua própria duração, entretanto, como estamos habituados a determinar a duração por meio de alguma medida do movimento, o que também se faz com o auxílio da imaginação, por isso não observamos nenhuma memória que seja da mente pura.

52. Conf. n.º 82. N. T.



Scanned by CamScanner

[84.] Assim, pois, fizemos a distinção entre a idéia verdadeira e as outras percepções, e mostramos que as idéias fictícias, falsas e outras têm sua origem na imaginação, isto é, vêm de certas sensações fortuitas e, por assim dizer, sôltas, que não nascem da própria fôrça da mente, mas de causas externas, conforme o corpo, quer no sono quer em vigília, é afetado por diversos movimentos. Se vier a calhar, que se entenda por imaginação o que quer que se queira, contanto que seja algo diferente da inteligência, algo em que a alma faça o papel de paciente; pois é indiferente o que quer que se pense, uma vez que sabemos que a imaginação é uma coisa vaga, em que a alma é passiva, e que ao mesmo tempo sabemos como libertar-nos dela pela atividade de nossa inteligência. Por isso mesmo, ninguém se admire de que eu aqui, não tendo ainda provado que existe o corpo e outras coisas necessárias, fale entretanto da imaginação, do corpo e de sua constituição. Com efeito, como já disse, é indiferente o que pense dela, uma vez que sei que é algo vago, etc.

[85.] Ora, mostramos que é simples ou composta de idéias simples a idéia verdadeira, que é a que mostra como e porque uma coisa existe ou é feita. Também mostramos que os efeitos objetivos da idéia na alma procedem segundo a razão da formalidade do seu objeto[53], tudo de acôrdo com o que os antigos já haviam dito, a saber, que a verdadeira ciência procede da causa para o efeito; com esta diferença que, ao que eu saiba, nunca, como nós aqui, conceberam a alma a agir sob determinadas leis e, por assim dizer, como um autômato espiritual. [86.] Com o que adquirimos, o quanto se pode fazer de início, um conhecimento de nosso intelecto e uma norma da idéia verdadeira tal que já não tememos confundi-la com as falsas ou com as fictícias; nem ainda nos admiraremos de que entendamos certas coisas que de nenhum modo caem

53. Conf. pág. 99, nota 19.



Scanned by CamScanner

sob a imaginação, enquanto que na imaginação existem umas que se opõem inteiramente à inteligência, ao passo que outras, enfim, concordam com ela, visto que sabemos que as operações pelas quais se produzem as imagens se fazem segundo outras leis, em que a alma tem um papel de paciente, e que são inteiramente contrárias às leis da inteligência. [87.] Também se verifica quão fàcilmente podem cair em grandes erros os que não distinguem cuidadosamente entre o imaginar e o entender. Exemplos disto são: que a extensão tem de estar em um lugar; que tem de ser finita, com partes que realmente se distinguem umas das outras; que ela é o primeiro e único fundamento de tôdas as coisas, e que ocupa, em dado tempo, mais espaço que em outro, e muitas outras coisas semelhantes que são inteiramente contrárias à verdade, como em lugar próprio mostraremos.

[88.] Como as palavras são parte da imaginação, isto é, como forjamos muitos conceitos na medida em que, vagamente, em virtude de uma disposição qualquer do corpo, elas se compõem na memória, não é de duvidar que, assim como a imaginação, as palavras também possam ser a causa de muitos e grandes erros, a não ser que com grande esfôrço nos guardemos dêles. [89.] Ajunte-se que as palavras são formadas ao capricho e segundo a compreensão do vulgo, de modo que são sinais das coisas na medida em que existem na imaginação e não na medida em que existem na inteligência; isso claramente se vê pelo fato que a tôdas as coisas que só existem na inteligência e não na imaginação impuseram-se muitas vêzes nomes negativos, tais como incorpóreo, infinito, etc., e também porque muitas coisas que são realmente afirmativas se exprimem negativamente e por oposição, tais como incriado, independente, infinito, imortal, etc.; sem dúvida porque imaginamos muito mais fàcilmente seus contrários, por isso ocorreram primeiro aos primeiros homens e usurparam o lugar dos nomes



Scanned by CamScanner

positivos. Afirmamos e negamos muita coisa porque a natureza das palavras, não a natureza das coisas, permite afirmá-lo ou negá-lo; ora, ignorando-se a natureza das coisas, fàcilmente tomaremos o falso pelo verdadeiro.

[90.] Evitamos ainda uma outra grande causa de confusão, que impede o intelecto de refletir sôbre si mesmo: com efeito, quando não distinguimos entre imaginação e inteligência, julgamos mais claras para nós as coisas que mais fàcilmente imaginamos e dêsse modo pensamos entender o que apenas imaginamos. Então, as coisas que devem vir depois nós as antepomos e assim se perverte a verdadeira ordem do progresso e nada se conclui legìtimamente.

[91.](*) Para tratar, finalmente, da segunda parte dêste Método[54], indicarei primeiramente nosso escopo neste Método e depois os meios para alcançá-lo. Quanto ao escopo, é o de ter idéias claras e distintas, isto é, idéias que venham do puro pensamento e que não sejam produzidas por movimentos fortuitos do corpo. Depois, para que tôdas as idéias sejam reduzidas a uma, tentaremos concatená-las e ordená-las de tal modo que nossa mente, tanto quanto pode ser, reproduza objetivamente o que existe formalmente na natureza[55], seja no todo, seja em parte.

[92.] Quanto ao primeiro ponto, como já dissemos, é necessário para nosso escopo último que cada coisa seja con-

---

(*) A regra principal desta segunda parte é, como se segue da primeira, passar em revista tôdas as idéias derivadas da pura inteligência, que em nós encontramos, para distingui-las daquelas que vêm da imaginação, o que deverá ser feito a partir das propriedades de cada uma, isto é, da imaginação e da inteligência.

54. Estas palavras devem ser entendidas à luz do que Espinosa dissera no n.º 49, onde, resumindo o que fôra feito anteriormente, apresenta também um plano do que vai seguir-se até o fim. N. T.

55. Conf. pág. 99, nota 19.



Scanned by CamScanner

cebida ou só por sua essência ou pela sua causa próxima. Se uma coisa existe em si ou, como se diz comumente, é causa de si mesma, ela deverá ser entendida só pela sua essência; se porém ela não existe em si, mas requer uma causa para existir, então deve ser compreendida pela sua causa próxima. Pois na verdade(*) o conhecimento do efeito nada mais é que adquirir um conhecimento mais perfeito da causa. [93.] Por conseguinte, nunca nos será permitido, enquanto tratamos da investigação das coisas, concluir qualquer coisa a partir de abstrações e, cuidadosamente, devemos precaver-nos para não misturar as coisas que existem só na inteligência com o que existe na realidade. Mas a melhor conclusão deverá ser tirada de alguma essência particular afirmativa ou de uma verdadeira e legítima definição. Pois que só dos axiomas universais não pode a inteligência descer às coisas singulares, uma vez que os axiomas se estendem a infinitas coisas e não determinam a inteligência no sentido de considerar uma certa coisa singular mais que qualquer outra. [94.] Pelo que o caminho certo da descoberta é formar pensamentos a partir de alguma definição dada, coisa em que se procederá com tanto maior felicidade e maior facilidade quanto melhor houvermos definido um ser qualquer. Pelo que o ponto capital de tôda esta segunda parte do Método só em uma coisa consiste, isto é, em conhecer as condições de uma boa definição, e depois no modo de descobri-las. Tratarei, assim, primeiramente das condições da definição.

[95.] A definição, para que seja perfeita, deverá explicar a essência íntima da coisa e evitar que ponhamos no lugar dela certas propriedades. Para explicar isso, omitirei certos exemplos a fim de não parecer estar querendo apontar erros

---

(*) Note-se que desde agora fica claro que não podemos entender nada da Natureza, sem que ao mesmo tempo tornemos mais amplo o conhecimento da Causa primeira, isto é, Deus.



Scanned by CamScanner

de outros, e apresentarei só um exemplo, de uma coisa abstrata, que é indiferente que seja definida de um modo ou de outro, a saber, a definição do círculo; porque se êste se define como uma certa figura em que as linhas tiradas do centro à periferia são iguais, ninguém deixará de ver que essa definição não explica, de modo algum, a essência do círculo, mas sòmente uma propriedade dêle. E ainda que, como já disse, a respeito de figuras e de outros sêres de razão isto pouco importa, contudo importa muito no que respeita a sêres físicos e reais, pois que não se podem entender as propriedades das coisas enquanto se ignoram suas essências; se, pois, omitimos as essências, necessàriamente pervertemos a concatenação da inteligência, que deve reproduzir a concatenação da Natureza, e nos afastaremos inteiramente de nosso escopo. [96.] Para evitar êsse êrro, deve-se observar o seguinte, na definição:

I. Se se trata de coisa criada, a definição deverá, como dissemos, compreender a causa próxima. Por exemplo, de acôrdo com essa regra, o círculo deve ser definido como a figura descrita por uma linha qualquer, da qual uma extremidade é fixa e a outra móvel, definição esta que claramente compreende a causa próxima.

II. Requer-se que o conceito da coisa, isto é, a definição, seja tal que considerada só, não em conjunto com outras, tôdas as propriedades possam ser deduzidas da mesma, como se vê nessa definição do círculo. Com efeito, dela claramente se conclui que tôdas as linhas traçadas do centro à circunferência são iguais; e que isto é um requisito necessário da definição é por si mesmo tão claro a quem reflete no assunto que não parece valer a pena demorar na sua demonstração, nem também mostrar, a partir dêste segundo requisito, que tôda definição deve ser afirmativa. Falo da afirmação da inteligência, sem cuidar muito da verbal, que, em conseqüência da pobreza



Scanned by CamScanner

das palavras, pode, às vêzes, ser expressa negativamente, ainda que seja entendida de modo afirmativo.

[97.] Quanto à definição de uma coisa incriada, eis os requisitos:

I. Que exclua tôda causa, isto é, que o objeto, para sua explicação, não necessite de nada além do seu próprio ser.

II. Que, uma vez dada a definição da coisa, não haja lugar para perguntar se ela existe.

III. Que, em relação à mente, não contenha substantivos que possam ser adjetivados, isto é, a definição não deve explicar-se por meio de abstrações.

IV. E por último (quase não é preciso dizê-lo) requer-se que da definição de uma coisa possam ser deduzidas tôdas as suas propriedades. Tudo isso é manifesto a quem reflete com cuidado.

[98.] Disse também que a melhor conclusão devia ser tirada de alguma essência particular afirmativa, pois que, quanto mais especial é a idéia, tanto mais distinta e, por conseguinte, mais clara. O conhecimento das coisas particulares é, por isso, aquêle que mais que todos deve ser procurado por nós.

[99.] No que respeita à ordem[56] para que tôdas as nossas percepções sejam ordenadas e unidas, requer-se que, o mais

---

56. Êste é o terceiro ponto do Método, a que se refere o n.º 49, sendo o próprio Método em seu conjunto, como já lembramos, o terceiro aspecto do plano geral do *Tratado da Reforma da Inteligência,* tal como é apresentado naquele texto. Por outro lado, a busca da ordem nos leva de pronto ao quarto aspecto do plano geral, que mostra a necessidade de partir da idéia do Ser Perfeitíssimo. Na verdade, a ordem universal das idéias só se pode fazer a partir da idéia do Ser Perfeitíssimo. N. T.



Scanned by CamScanner

depressa possível — e a razão o exige — inquiramos se existe algum ser[57] e, ao mesmo tempo, qual é êle, que seja a causa de tôdas as coisas e cuja essência objetiva seja também a causa de tôdas as nossas idéias; e então nossa mente, como dissemos, reproduzirá ao máximo a Natureza, pois possuirá objetivamente a essência, a ordem e a união da mesma. Donde podemos ver que, antes de mais nada, é necessário que sempre deduzamos nossas idéias a partir das coisas físicas, ou seja, dos sêres reais, avançando, quanto fôr possível, segundo a série das causas, de um ser real para outro ser real, para que dêsse modo não nos desviemos para as idéias abstratas e universais, a fim de evitarmos concluir delas algo real ou, também, que de algo real tiremos idéias abstratas, pois que tanto uma coisa como outra interrompe o verdadeiro progresso da inteligência. **[100.]** Mas é de notar que, aqui, por série das causas e dos sêres reais não entendo a série das coisas singulares mutáveis, mas sòmente a série das coisas fixas e eternas. Pois seria impossível à fraqueza humana seguir a série das coisas singulares mutáveis, seja por causa da multidão delas que supera todo número, seja por causa das infinitas circunstâncias atinentes a uma e mesma coisa, cada uma das quais pode ser a causa de que a coisa exista ou não exista, uma vez que sua existência não tem nenhuma conexão com a sua essência, ou — como já dissemos — não é uma verdade eterna. **[101]** E em verdade não é também necessário que entendamos a série delas, visto que as essências das coisas singulares mutáveis não são deductíveis da série destas, ou seja da sua ordem de existência; visto que esta nada nos oferece além de denominações extrínsecas, relações, ou no máximo circunstâncias, e tudo isto está bem longe da essência íntima das coisas. Esta,

---

57. A idéia do Ser Perfeito ou da Substância é uma essência particular afirmativa, a mais importante de tôdas, visto que dela poderemos deduzir as essências de tôdas as coisas. *Ética*, l. II, prop. XL, escólio II. N. T.



Scanned by CamScanner

em verdade, deve ser procurada sòmente nas coisas fixas e eternas e também nas leis inscritas nessas coisas, como em seus verdadeiros códigos, leis segundo as quais tôdas as coisas singulares se fazem e se ordenam; ao contrário, estas coisas singulares mutáveis a tal ponto ìntimamente e essencialmente (por assim dizer) dependem das coisas fixas, que sem estas não podem existir nem ser concebidas. Pelo que estas coisas fixas e eternas, ainda que sejam singulares, entretanto em vista de sua presença em tôda parte e de sua larguíssima potência serão para nós como que universais, isto é, como que gêneros das definições das coisas singulares mutáveis e causas próximas de tôdas as coisas.

[102.] Mas, ainda que isto é assim, todavia parece subsistir uma não pequena dificuldade para que possamos chegar ao conhecimento destas coisas singulares, pois que conceber ao mesmo tempo tôdas as coisas ultrapassa de muito as fôrças da inteligência humana. A ordem, pois, segundo a qual uma é pensada antes da outra, como dissemos, não deve ser tirada da série de existência das coisas, nem também das coisas eternas, pois que nestas tôdas as coisas existem, por natureza, simultâneamente. Pelo que, outros auxílios devem necessàriamente ser procurados, além daqueles que usamos para as coisas eternas e para entender suas leis; entretanto, não é êste o lugar de tratar disso, nem é necessário, a não ser depois que tivermos adquirido suficiente conhecimento das coisas eternas e de suas infalíveis leis e depois que a natureza dos nossos sentidos se tiver tornado clara a nós.

[103.] Antes de tratar do conhecimento das coisas singulares, será oportuno considerar êsses auxílios, que todos tendem a ensinar-nos a usar nossos sentidos e a fazer segundo leis certas e segundo certa ordem as experiências suficientes para determinar aquilo que se está estudando, a fim de que por meio delas verifiquemos segundo que leis das coisas eternas



Scanned by CamScanner

cada coisa acontece e a nós se torne clara a sua íntima natureza, como mostrarei em seu lugar[58]. Voltando ao nosso propósito, esforço-me aqui só para tratar das coisas que parecem necessárias para chegarmos ao conhecimento das coisas eternas e formarmos definições delas de acôrdo com as condições acima mencionadas.

[104.] Para isso, deve-se lembrar aquilo que acima dissemos, a saber, quando a mente considera um pensamento qualquer com o propósito de examiná-lo cuidadosamente e deduzir segundo uma boa ordem as conseqüências que dêle legìtimamente se devem deduzir, se êsse pensamento fôr falso, descobrirá a sua falsidade; se, ao contrário, fôr verdadeiro, então, com felicidade, continuará sem nenhuma interrupção a deduzir dêle idéias verdadeiras; isto, digo, é necessário ao nosso assunto. Pois que por nenhum outro fundamento nossos pensamentos podem ser determinados[59]. [105.] Se, pois, queremos descobrir qual é a primeira de tôdas as coisas, é necessário

---

58. Neste n.º se encontra uma breve alusão ao lugar do estudo das coisas singulares sujeitas à mudança, quer dizer, da Física, no sistema de Espinosa. De um lado há as coisas fixas e eternas e suas leis que devemos buscar em nosso próprio entendimento. De outro lado, há as coisas singulares, sujeitas à mudança, cuja ordem não se pode alcançar nem a partir das existências, nem a partir das coisas eternas. Aqui surge então a necessidade da experiência, para verificar "segundo que leis eternas as coisas singulares acontecem"; e ao mesmo tempo a necessidade de estudar a natureza dos nossos sentidos. Nada disso, entretanto, importa agora. Contudo, devemos lembrar que Espinosa afirma que voltaria ao assunto, o que não faz, a não ser um pouco em algumas cartas. N. T.

59. Nossas idéias não podem ser determinadas de outro modo, isto é, a não ser pela possibilidade de pôr como ponto de partida, ou princípio, ou fundamento, uma idéia da qual elas possam ser deduzidas. Êsse nos parece ser o sentido do texto tal como se encontra em Gebhardt. Contudo, os comentadores têm sempre discutido não só o texto, mas a sua significação. Conf. Ch. Appuhn, *Oeuvres*, I, pág. 545, nota ao § 60. N. T.



Scanned by CamScanner

que seja pôsto algum fundamento que dirija para ela os nossos pensamentos. E, visto que o Método é o próprio conhecimento reflexivo, êste fundamento que deve dirigir nossos pensamentos não pode ser outro senão o conhecimento daquilo que constitui a forma da verdade e o conhecimento da inteligência, de suas propriedades e de suas fôrças. Uma vez adquiridos êsses conhecimentos teremos um fundamento do qual deduziremos nossos pensamentos e um caminho em que a inteligência, segundo aquilo que sua capacidade permite, poderá chegar ao conhecimento das coisas eternas, tomando sempre em consideração as fôrças da inteligência. **[106.]** Porque se em verdade à natureza do pensamento pertence o formar idéias verdadeiras, como mostramos na primeira parte, então importa perguntar agora que é que se entende por fôrças e capacidade da inteligência. E, como a parte principal do nosso Método consiste em entender o melhor possível as fôrças da inteligência e a sua natureza, somos necessàriamente levados (por tudo aquilo que nesta segunda parte expus) a deduzi-las do próprio pensamento e da definição da inteligência. **[107.]** Mas até agora não tivemos nenhuma regra para descobrir definições; e, como não podemos apresentá-las a não ser que conheçamos a natureza e a definição da inteligência e sua capacidade, daí se segue que, ou a definição da inteligência tem de ser clara por si mesma, ou então que nada podemos entender. Ora, essa definição não é absolutamente clara por si mesma; mas, como as propriedades e tôdas as demais coisas que nos vêm da inteligência não podem ser percebidas clara e distintamente a não ser que se conheça a natureza dela, por isso a definição da inteligência se tornará clara por si mesma se examinarmos suas propriedades que clara e distintamente entendemos[60]. Enumeremos, pois, aqui essas pro-

60. Estudamos as dificuldades dêste texto na Introdução, págs. 60-61. N. T.



Scanned by CamScanner

priedades, examinemo-las e comecemos a tratar dêstes nossos instrumentos inatos.

[108.] As propriedades da inteligência que principalmente notei e que entendo claramente são as seguintes:

I. Que ela envolve a certeza, isto é, que as coisas são, formalmente, como estão objetivamente[61] contidas na inteligência.

II. Que ela percebe certas coisas, quer dizer, há idéias que a inteligência forma absolutamente e há idéias que forma de outras idéias. Assim a idéia de quantidade[62], forma-a absolutamente, sem necessidade de outras idéias; a idéia de movimento, ao invés, não pode formá-la senão considerando a idéia de quantidade.

III. As idéias que forma absolutamente exprimem o infinito; as que são determinadas, forma-as de outras idéias. Assim a idéia de quantidade, se o intelecto a percebe como causa, então êle a determina como quantidade[63]; assim percebe, por exemplo, que um corpo nasce do movimento de um plano; o plano, do movimento de uma linha; e finalmente a linha, do movimento de um ponto; percepções estas que na verdade não servem para entender, mas sòmente para determinar a

---

61. Conf. pág. 99, nota 19.

62. Quantidade equivale aqui a extensão, um dos atributos da substância. Conf. DARBORN, *op. cit.*, pág. 41. N. T.

63: Êste é um texto de difícil tradução, que tem levado os comentadores a tentar corrigi-lo. Conf. A. CARLINI, *La Riforma della Intelligenza*, nota 67, pág. 124; Ch. Appuhn, *Oeuvres*, I, pág. 276; A. Koyré, *Traité de la Réforme de l'Entendement*, pág. 89. Appuhn traduz: "Ainsi pour l'idée de quantité, quand il la perçoit par sa cause, alors il determine une quantité". E Koyré: "L'idée de quantité elle-même, s'il la perçoit par une cause, il la détermine", isto é, determina uma quantidade. A falha da tradução de Appuhn é que apresenta a idéia de quantidade como percebida por meio de uma causa, o que vai contra o próprio texto, que afirma que a quantidade é uma idéia infinita, independente de outra idéia. Já a tradução de Koyré, tão semelhante



Scanned by CamScanner

quantidade. O que se vê pelo fato de as concebermos como tendo origem no movimento, conquanto o movimento não seja percebido a não ser mediante a percepção da quantidade e também porque podemos continuar até o infinito o movimento para formar uma linha, o que de modo algum poderíamos fazer se não tivéssemos idéia de uma quantidade infinita.

IV. A inteligência forma as idéias positivas antes de formar as negativas.

V. A inteligência percebe as coisas não tanto como sujeitas à duração mas sob o ponto de vista da eternidade e em número infinito; ou melhor, ao perceber as coisas não considera nem seu número nem sua duração; quando as coisas se imaginam é que elas se percebem segundo um número certo, uma duração e uma quantidade determinadas.

VI. As idéias claras e distintas que formamos apresentam-se como resultantes da só necessidade de nossa natureza, de tal modo que parecem depender absolutamente só de nossa capacidade; para as idéias confusas é o contrário: muitas vêzes se formam contra nossa vontade.

VII. As idéias das coisas que a inteligência forma de outras, a mente pode determiná-las de muitos modos; por

---

à de Appuhn, admite outro modo de entender, a saber: A idéia de quantidade é uma idéia absoluta; por isso mesmo quando *a ela se junta* uma idéia de causalidade, isto não é para *compreender a essência* da quantidade, mas só para *determinar* a quantidade, o que se ajusta perfeitamente ao exemplo que Espinosa dá e ao comentário que sôbre êsse exemplo êle faz: "quæ quidem perceptiones non inserviunt ad intelligendam, sed tantum ad determinandam quantitatem". Nas mesmas linhas a tradução de Carlini: "Cosi l'idea di quantità, si vien percepita come causalità, determina una quantità..." Realmente nessa tradução se afasta o êrro de falar em *causa* da quantidade, fala-se em quantidade percebida *como causa*. Nossa tradução se funda na possibilidade de traduzir *per causam* não no sentido instrumental, mas modal, tal como faz também Carlini. Nenhuma dessas traduções é inteiramente satisfa-



Scanned by CamScanner

exemplo, para determinar o plano da elipse, supõe um estilete aderente a um cordão, que se move em tôrno de dois centros; ou então concebe um número infinito de pontos que conservam sempre uma mesma relação a uma linha reta dada, ou um cone cortado por um plano oblíquo, de tal modo que o ângulo da inclinação seja maior que o ângulo do vértice do cone, ou ainda de infinitos outros modos.

VIII. As idéias são tanto mais perfeitas quanto mais exprimem da perfeição de algum objeto. Não admiramos tanto o construtor que traçou o plano de uma igreja qualquer como aquêle que planejou um grande templo.

[109.] Noutras coisas que se referem ao pensamento, como o amor, a alegria, etc., não me demoro, pois que não dizem respeito ao nosso propósito e nem podem ser concebidas se primeiro não há percepção da inteligência. Efetivamente, eliminada a percepção, desaparecem tôdas elas.

[110.] As idéias falsas e fictícias não têm nada de positivo (como largamente mostramos) por que possam ser ditas falsas e fictícias; só por falta de conhecimento elas são consideradas dêsse modo. Por isso as idéias falsas e fictícias, enquanto tais,

---

tória, sendo a pior a de Appuhn que vai, como já dissemos, contra afirmação clara do contexto imediatamente anterior. Felizmente a dificuldade de traduzir essas duas linhas não tem grandes conseqüências, visto que o pensamento do filósofo se torna claro com o que diz logo em seguida, com o exemplo e sua explicação, isto é, que o movimento de um plano, que forma um corpo, é *causa* do corpo só como quantidade determinada; a quantidade em si, em sua essência, não é originada por êsse movimento, que aliás pressupõe a quantidade. Do mesmo modo podemos traçar uma linha pelo movimento de um ponto; essa linha será uma determinação da quantidade, que é em si mesma anterior a essa determinação, pois não poderíamos ter a idéia de continuar a estender a linha até o infinito se não tivéssemos quantidade ou extensão infinita. N. T.



Scanned by CamScanner

nada podem ensinar-nos sôbre a essência do conhecimento; esta deve ser tirada das propriedades positivas que acabamos de enumerar, isto é, deve-se estabelecer alguma coisa comum[64], da qual se sigam necessàriamente estas propriedades, ou que, uma vez estabelecida, dela decorram necessàriamente estas propriedades — e que uma vez eliminada, tôdas elas desapareçam.

FALTA O RESTO

(64) O sentido dêste último § que parece voltar a um assunto já longamente tratado é o seguinte: as idéias falsas e fictícias não tendo nenhuma positividade nada nos podem dizer sôbre a natureza de nosso entendimento, nem também podem prejudicar nosso esfôrço para buscar uma definição do mesmo, uma vez que nos atenhamos às propriedades positivas que acabamos de mencionar. Essas propriedades não são outra coisa senão idéias absolutas e idéias que dependem de outras idéias. Tanto umas como outras nos levam ao princípio, ao "fundamentum", que é uma idéia da qual as essências absolutas são a própria expressão (atributos) ou da qual se possam deduzir também as que não são absolutas: os modos. Essa mais alta idéia é também a que define o próprio entendimento: A essência de nosso entendimento em sua expressão mais alta é a idéia de Deus. Falta o resto, mas estamos no pórtico da *Ética*. N. T.



BIBLIOTECA
INST. DE FILOS. E CIÊNCIAS HUMANAS

Scanned by CamScanner

*

*Obra executada nas oficinas da*
**SÃO PAULO EDITORA S. A.**
**São Paulo 6, SP — Brasil**

Scanned by CamScanner